

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

JAYME CAON JOVEGELEVICIUS

**ENTRE A CRUZ E A ESTRELA: UM ESTUDO SOBRE ALGUMAS
APROXIMAÇÕES DE SETORES EVANGÉLICOS COM O JUDAÍSMO**

Porto Alegre

2018

JAYME CAON JOVEGELEVICIUS

**ENTRE A CRUZ E A ESTRELA: UM ESTUDO SOBRE ALGUMAS
APROXIMAÇÕES DE SETORES EVANGÉLICOS COM O JUDAÍSMO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Giumbelli

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Jovegelevicius, Jayme Caon

Entre a cruz e a estrela: um estudo sobre algumas aproximações de setores evangélicos com o judaísmo / Jayme Caon Jovegelevicius. -- 2018.

65 f.

Orientador: Emerson Giumbelli.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Religião. 2. Política. 3. Judaísmo. 4. Evangélicos. I. Giumbelli, Emerson, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Jayme Caon Jovegelevicius

**ENTRE A CRUZ E A ESTRELA: um estudo sobre algumas aproximações de
setores evangélicos com o judaísmo**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: 9 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Tadvald – PPGAS/UFRGS

Me. Jorge Helius Scola Gomes – PPGAS/UFRGS

Prof. Dr. Emerson Giumbelli – PPGAS/UFRGS (orientador)

À memória dos meus avôs, Jayme
Fernandes Caon e Salomão
Jovegelevicius (Z"l).

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado do diálogo entre algumas questões que são parte da minha formação pessoal com o instrumental analítico que o curso me proporcionou. Agradeço aos bons professores e professoras que me despertaram um olhar crítico e humano sobre o mundo, desde os anos de Colégio Israelita Brasileiro até a Faculdade de Ciências Sociais. Nesse contexto, incluo o professor Emerson Giumbelli, que, além de constar na lista dos bons mestres, aceitou me orientar na escrita desse TCC.

Agradeço aos amigos que deixaram alguma marca na minha maneira de ver o mundo e aos que estiveram por perto nos últimos anos.

Agradeço à minha família paterna, pela transmissão da judeidade, e à minha família materna, que me despertou o gosto pelas palavras, especialmente através dos versos de meu avô Jayme.

Por fim, nada disso seria possível sem meus pais, David e Cristina.

“(…) Las décimas, la milonga, las canciones, las personas: cuánto más uno se acerca a ellas más compleja es su identidad, más llena de matices, de detalles. (…) Las cosas solo son puras si uno las mira desde lejos. Es muy importante conocer nuestras raíces, saber de dónde venimos, conocer nuestra historia, pero al mismo tiempo, tan importante como saber de dónde somos es entender que todos, en el fondo, somos de ningún lado del todo y de todos lados un poco.”

“(…) Rumbo también del olvido
No hay doctrina que no vaya
Y no hay pueblo que no se haya
Creído el pueblo elegido.”

Jorge Drexler, *“Poesía, música e identidad” e Milonga del Moro Judío*

RESUMO

Este trabalho enfoca três casos relacionados a um fenômeno que ganha corpo no Brasil: a aproximação de setores evangélicos com o judaísmo. O primeiro caso é o resultado de uma etnografia realizada em um templo evangélico e coloca em evidência a incorporação de elementos da tradição judaica por vertentes do pentecostalismo brasileiro. O segundo descreve a trajetória de um ex-pastor, oriundo de uma dessas vertentes, que entrou em contato com o judaísmo e decidiu se converter. Por fim, são abordadas as aproximações entre certas lideranças judaicas e evangélicas no campo político. Uma vez que não há muitas pesquisas sobre o tema, a intenção desse estudo é apresentar a bibliografia já existente, bem como assinalar a importância de maiores pesquisas para compreender quais tendências ganham e perdem força no contexto atual, contribuindo assim para entender a composição religiosa no país.

Palavras-chave: religião, política, judaísmo, evangélicos

ABSTRACT

This paper focuses on three cases related to a phenomenon that is gaining ground in Brazil: the approach of evangelical sectors to Judaism. The first case is the result of an ethnography held in an evangelical temple and highlights the incorporation of elements of the Jewish tradition into Brazilian Pentecostalism. The second describes the trajectory of a former pastor, from one of these strands, who came into contact with Judaism and decided to convert. Finally, it addresses the approaches between certain Jewish and evangelical leaders in the political field. Since there is not much research on the subject, the intention of this study is to present the existing bibliography, as well as to point out the importance of further research to understand which trends gain and lose strength in the current context, thus contributing to understand the religious composition in the country.

Key-words: religion, politics, judaism, evangelicals

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	2
1.1	Contextualizando as aproximações entre judaísmo e cristianismo evangélico	3
1.2	Delimitando o fenômeno.....	7
1.3	Metodologia.....	13
2	A IGREJA APOSTÓLICA PLENITUDE DO TRONO DE DEUS.....	15
2.1	O prédio.....	16
2.2	O espaço	17
2.3	O culto.....	18
2.4	Os símbolos	19
2.5	As incorporações e seus sentidos.....	20
3	TRAIÇÃO E TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ	29
3.1	A história de Márcio.....	29
3.2	A transição para o judaísmo	33
4	AS RELAÇÕES ENTRE JUDEUS E EVANGÉLICOS NA POLÍTICA.....	37
4.1	A mudança da embaixada estadunidense em Israel	37
4.2	Aproximações entre setores evangélicos e judaicos no Brasil	40
4.3	Pré-milenismo, dispensacionalismo e teologia da substituição	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

O sentido da construção do Templo de Salomão e da sua réplica, tem um significado profundo, porque vai trazer a fé judaica bem como vai reavivar ou avivar a fé evangélica. Portanto, nós vamos ter nesse templo a união do cristianismo com o judaísmo, porque todos estarão voltados para o tempo bíblico, quando a fé abraâmica era muito acentuada. (BARBOSA, 2012, p. 262 – Edir Macedo, Discurso sobre a construção do Novo Templo de Salomão)

Faz um tempo que a simbologia judaica tem sido disputada e instrumentalizada com diversos fins religiosos ou políticos. Minha proposta é investigar certas aproximações ao judaísmo, realizadas por setores do cristianismo evangélico, no Brasil. Casos de muita amplitude, como a construção do Templo de Salomão pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)¹, em São Paulo, e o uso de adereços religiosos judaicos pelo seu líder, o pastor Edir Macedo, parecem expressar um fenômeno que se desenvolve também em outras denominações pentecostais pelo país, como a assimilação de vocabulário, festividades e símbolos (TOPEL, 2011).

Além de constituir um fenômeno mais amplo de assimilação de uma tradição milenar, algumas hipóteses foram levantadas pelos autores para explicar essa espécie de “judaização” pela qual passariam certas igrejas. Uma delas é o entendimento de que a apropriação destes bens simbólicos judaicos cumpriria a função de demarcar os limites em relação à Igreja Católica, representando um “retorno às origens” do cristianismo e atualizando a disputa interna entre Reforma e Catolicismo (TOPEL, 2011 e COSTA, 2017).

Segundo Costa (2017), é uma tríade de fatores que levam as igrejas neopentecostais a incorporar elementos judaicos em suas denominações: fatores mercadológicos, doutrinários e litúrgicos, algo que começa a ser naturalizado por pessoas não familiarizadas com o tema:

¹ O Templo de Salomão assumiu o posto de maior espaço religioso do país em área construída. Aparecida (SP), até então o maior, tem 23,3 mil m² de área construída, enquanto o Templo Salomão tem 100 mil m². A construção iniciou em 2010 e a inauguração ocorreu em julho de 2014, sob um custo de R\$ 680 milhões. Entre outras importações, o bispo Edir Macedo mandou vir de Hebron, em Israel/Cisjordânia, 40 mil metros quadrados de pedras usadas na construção e decoração do Templo. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/20-coisas-sobre-o-enorme-novo-templo-da-igreja-universal/> Acessado em: 18/06/18

Desde o início da construção do Novo Templo de Salomão, a IURD o concebeu enquanto um espaço sagrado para exercer um papel de “centro do mundo” da denominação, de modo a agregar novamente os seus fiéis em torno de um ideal religioso. No entanto, foram desconsiderados todos os requisitos necessários para a construção de um Templo judeu, a partir das condições definidas na Bíblia – localização, forma espacial (de acordo com a visão apresentada pelo Livro de Ezequiel, em 40:1-49) ou a interpretação cristã tradicional (de que um Templo físico não é necessário, pois o Cristo é o seu símbolo espiritual arquetípico).

Com a apropriação e ressignificação própria do objeto máximo da identidade judaica e de seus símbolos atrelados, a IURD não está buscando legitimidade para sua empreitada a partir da fidelidade aos requisitos estipulados pelo Judaísmo ou pelo Cristianismo, mas sim, no modo como essa nova identidade repercutirá na sua imagem institucional, e qual o seu impacto no campo religioso brasileiro. Visto isso, podemos avançar para compreender de que modo essa segunda e definitiva fase do projeto de expansão da Igreja Universal, poderá trazer resultados positivos para a denominação. (COSTA, 2017)

Meu trabalho se concentra em três exemplos dessa aproximação. O primeiro é a incorporação de elementos judaicos nos cultos e templos pentecostais. Para isso, realizei pesquisa de campo na Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD), utilizando o método etnográfico e entrevistas com membros da igreja. O segundo é o caso de um ex-pastor, oriundo de uma denominação também pentecostal, que buscou o contato com uma sinagoga e decidiu se converter ao judaísmo. O terceiro é a exposição de algumas aproximações entre lideranças dos dois grupos religiosos, geralmente através de manifestações públicas de apoio ao Estado de Israel, que se inserem no contexto de crescente polarização ideológica do país e têm levado a formação de alianças entre setores conservadores dos dois segmentos.

1.1 Contextualizando as aproximações entre judaísmo e cristianismo evangélico

Segundo o censo de 2010, os protestantes correspondem a mais de 20% dos brasileiros, tornando-se um grupo social cada vez mais expressivo na

vida pública do país.² Embora os evangélicos tenham ganhado importância como tema de pesquisa, Marta Topel (2011) aponta que a ausência de maiores estudos sobre essas “inusitadas incorporações” judaicas em vertentes evangélicas se contrapõe aos diversos trabalhos em sociologia, antropologia e ciências da religião que se ocupam de sincretismos e justaposições entre elementos cristãos e de religiões de matriz africana. Muito se falou sobre o caráter difuso, híbrido e anti-institucional da religião no país (SANCHIS, 1997; MOREIRA e ZICMAN, 1994; BRANDÃO, 1994 APUD TOPEL, 2011), algo que parece ajudar a explicar a composição religiosa com traços judaicos que têm sido feita por setores evangélicos.

Em um levantamento bibliográfico, pude constatar autores sinalizando a existência do tema. Como ponto de partida, utilizei um artigo produzido pela antropóloga da USP, Marta Topel, e duas teses sobre o Templo de Salomão (COSTA, 2017 e BARBOSA, 2017). Além desse material, encontrei algumas dissertações de mestrado e doutorado sobre fenômenos similares, como o Judaísmo Messiânico, sincretismo entre as duas religiões, e os Bnei Anussim, movimento formado por autodeclarados descendentes de cristãos novos, que reivindicam o status de judeus:

Paralelamente, apesar de serem menos multitudinárias que as igrejas neopentecostais, as igrejas messiânicas têm se multiplicado nos últimos anos, alcançando uma visibilidade cada vez maior. Sua arquitetura particular, a que se somam os nomes escritos em hebraico na entrada dos templos, como Beit Tsar Israel, Beit Tehsuvá, Ar Tzion e Am Israel, faz com que essas igrejas sejam facilmente confundidas com sinagogas, tanto por judeus como por não-judeus. (TOPEL, 2011)

Dois etnografias realizadas em sinagogas messiânicas foram consultadas para este trabalho. As dissertações de mestrado de Barbosa da Silva (2010) e Travassos (2008) - que posteriormente virou doutorado - tentam identificar os aspectos distintivos desse grupo, que congrega práticas judaicas

² Segundo o Censo de 2010, os católicos são 64% da população, os evangélicos 22%, sem religião 8% e demais religiões 6%. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao&view=noticia>. Acessado em: 26/04/18

com crenças cristãs. Como no sugestivo título do trabalho de Barbosa da Silva, *“Nada mais judaico do que acreditar em Cristo”*, pode-se dizer que o Judaísmo Messiânico inaugura a possibilidade de *“ser judeu, acreditar em Cristo e não ser cristão”* (BARBOSA DA SILVA, 2008).

Surgido no final do século XIX, os primeiros registros de sinagogas messiânicas são escassos. Em sua dissertação, Travassos mostra que dois podem ser considerados os fundadores da nova religião: um pastor evangélico de nome Harry Ellison, que fundara uma sinagoga messiânica em Londres, no ano de 1884; e um judeu de família ortodoxa, ucraniano, chamado Joseph Rabinowitz, no ano de 1886. Apesar de não fornecer maiores explicações sociológicas sobre o contexto ucraniano, a autora argumenta que a emancipação política dos judeus ingleses poderia explicar essa novidade. Vivendo um tempo de inédito de aceitação como cidadãos, muitos judeus optaram pela conversão ao cristianismo como estratégia de ascensão social. O Judaísmo Messiânico estaria associado ao fenômeno da “assimilação”, tanto no sentido da recusa à identidade judaica tradicional quanto no sentido da incorporação de elementos exógenos ao modo de vida pré-moderno, neste caso, assimilando perspectivas teológicas cristãs. Também há registros da fundação da Hebrew Christian Alliance of America no Estados Unidos, em 1925, organização que veio a se chamar International Messianic Jewish Alliance (IMJA), em 1997, congregando várias sinagogas messiânicas. Além dessa organização, mais duas são indicativos do tamanho deste movimento, como a Messianic Jewish Alliance of America (MJAA) e a Union Messianic Jewish Congregation (UMJC), que representa 80 congregações judaico-messiânicas, incluindo as congregações brasileiras (TRAVASSOS, 2008). Estima-se que existam mais de 350 mil judeus messiânicos no mundo.³

É dos Estados Unidos que emigrou o rabino responsável por fundar a primeira sinagoga messiânica no Brasil, Beit Sar Shalom, fundada em 1951. Segundo entrevista concedida à Barbosa da Silva (2008) pelo filho do rabino Emanuel Woods, seu pai seria um rabino judeu tradicional que, após estudar

³ Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2012/11/kosher-jesus-messianic-jews-in-the-holy-land/265670/>. Acessado em: 08/06/2018. Posner, Sarah (November 29, 2012). "Kosher Jesus: Messianic Jews in the Holy Land". The Atlantic. Retrieved September 10, 2015.

muito as escrituras judaicas e cristãs, teve uma revelação em que era conclamado a aceitar Jesus como o messias, adotando assim o Judaísmo Messiânico. Em suma, é esta crença teológica distintivamente cristã, misturada a rituais, festas e tradições judaicas, que faz do Judaísmo Messiânico uma religião sincrética bastante singular (TRAVASSOS, 2014).

Outro caso que se encontra nas bordas do meio judaico é o dos Bnei Anussim. Como explica Gutierrez (2011), em sua dissertação *“Bnei Anussim”: uma experiência de judaísmo na periferia paulistana*, os Bnei Anussim (“filhos dos forçados”) praticam, segundo seus esquemas de percepção, um judaísmo ortodoxo. Semelhante aos judeus messiânicos, não frequentam e não são considerados pelas lideranças e instituições tradicionais como parte da comunidade judaica de São Paulo. Lendo a etnografia realizada por Gutierrez, ficamos sabendo que o líder da comunidade Anussim do bairro de São Mateus, periferia da capital da paulista, um ex-pastor da Assembleia de Deus, teve a oportunidade de se converter para o judaísmo mas recusou. Segundo Mordechai Moré⁴, nome assumido pelo ex-pastor Marcos Moreira, sua descendência judaica, mais especificamente cristã-nova⁵, foi sendo compreendida a partir da ressignificação de memórias da infância e adolescência:

Uma vez no aeroporto, tinha uns 14, 15 anos, fui despedir-me de meu pai, que iria fazer uma viagem pela Assembleia de Deus. Vi um judeu ortodoxo pela primeira vez. Achei muito bonito a roupa, a barba longa, o chapéu. Disse para minha mãe que sonhava em ser como aquele homem. Ela deu uma risada misteriosa e disse que, de certa forma, já éramos iguais. Hoje entendo o que ela quis dizer, pois ela sabia da nossa ascendência judaica. (Mordechai Moré em GUTIERREZ, 2011)

Vocês [rabinos] têm como apresentar uma certidão de casamento de sua tataravó? (...) Não podemos nos converter no que já somos. O Anussim é judeu e, por isso, precisa passar pelo processo de teshuvá⁶.

⁴ Moré em hebraico significa professor.

⁵ Também chamados de marranos, judeus portugueses e espanhóis convertidos ao cristianismo na época da Inquisição. Alguns seguiram praticando rituais judaicos escondidos, apesar do status oficial de católicos.

⁶ Teshuvá significa “resposta”. Normalmente é a forma abreviada de dizer “retorno à resposta”, quando um judeu não-crente retorna a acreditar em Deus, vinculando-se à religiosidade.

Caso contrário, isso seria desonrar toda nossa história, o nome dos meus ancestrais e negar todo o sofrimento que os antepassados sofreram com a Inquisição. Outra coisa, se eu já tenho uma alma judia, ao me converter eu perco a minha alma e ganho uma nova. Como fica isso? Eu não sou goy⁷! (Mordechai Moré em GUTIERREZ, 2011)

A partir desses exemplos, pode-se ter uma ideia dos embates existentes pelo capital simbólico judaico, pela definição de quem seria judeu e do pertencimento à comunidade. Acredito estar de acordo tratar as ressignificações do patrimônio cultural judaico como disputas por um capital, pois, aos olhos das lideranças religiosas evangélicas, estas apropriações conferem legitimidade a certas práticas e estratégias adotadas nas igrejas.

Semelhante ao que Bourdieu identifica como constitutivo ao campo jurídico, *“a concorrência pelo monopólio do direito de dizer o direito”* (BOURDIEU, 2001), pode-se dizer que o mesmo ocorre no campo judaico (GUTIERREZ, 2011), algo que será elaborado mais adiante. Se *“a concorrência pelo monopólio do direito de dizer quem é judeu”* tradicionalmente pertence aos rabinos, *“o monopólio do direito de dizer quem representa à comunidade”* (portanto, aos olhos da sociedade mais ampla, quem *pertence à comunidade*) está nas mãos das federações israelitas estaduais (FIERJ, no RJ, FISESP, em SP e FIRS, no RS, por exemplo) e da Confederação Israelita do Brasil (CONIB). No entanto, veremos como as posições oficiais dessas entidades em relação ao meio evangélico parecem diferir das posições adotadas em relação aos judeus messiânicos e aos Anussim.

1.2 Delimitando o fenômeno

Antes de discutir alguns aspectos da atração exercida pelo judaísmo em setores evangélicos, é importante colocar em perspectiva os segmentos envolvidos. O crescimento dos evangélicos nas últimas décadas aponta para “um grupo religioso menos minoritário, menos distintivo, menos sectário e, por isso mesmo, cada vez mais dotado de legitimidade social, religiosa e acomodado ao “mundo”.” (MARIANO, 2013). Por outro lado, é o capital simbólico de um grupo irrelevante numericamente que, segundo as hipóteses

⁷ Não judeu, pertencente a outros povos.

preliminares, têm sido uma das ferramentas utilizadas para construir essa legitimidade.

Se no Brasil os evangélicos somam mais de 42 milhões de fiéis, os judeus não passam dos 107 mil, o que significa 0,05% da população. Ainda que em Porto Alegre os evangélicos não sejam tão representativos quanto o são no centro do país⁸, o Censo de 2010 indica a existência de 150 mil na capital, o que já supera em muito o número de judeus no país inteiro. No RS, as estimativas apontam 8 mil judeus, dos quais 2/3 habitam a capital.

Uma das primeiras tentativas de descrever e analisar este fenômeno, utilizando um referencial das Ciências Sociais, foi feita pela antropóloga Marta Topel, no artigo *“A inusitada incorporação do judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões”* (2011):

No que diz respeito às igrejas neopentecostais, é cada vez mais comum a apropriação de símbolos, rituais e trechos da liturgia judaica. Entre eles, têm destaque a estrela de David (na bandeira do Estado de Israel ou simplesmente como um ornamento dentro das igrejas), a menorá (candelabro de sete braços), o shofar (chifre de carneiro cujo som tem lugar destacado nas comemorações do Ano Novo Judaico e no Dia da Expição), o talit (acessório em forma de xale usado pelos judeus ortodoxos), réplicas da Arca da Aliança e passagens escritas em hebraico, tanto nos livros litúrgicos como nas paredes dos prédios dessas igrejas. Em algumas denominações evangélicas, é comum que se celebre a Páscoa Judaica e a Festa dos Tabernáculos, e a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) organizou em 2007 uma campanha nacional de venda de mezuzot (pequeno rolo de pergaminho, que contém trechos sagrados da Torá, protegido por uma caixinha e pregado nos umbrais das portas de lares e estabelecimentos judaicos). Finalmente, quase todas as igrejas evangélicas organizam viagens a Israel nas quais seus membros e simpatizantes visitam, além dos lugares santos cristãos, os lugares

⁸ O Censo de 2010 aponta os evangélicos como cerca de 22% da população das capitais de RJ e SP: respectivamente, correspondem a mais ou menos 1,3 milhão e 2,3 milhão de pessoas. Além disso, a eleição de um bispo licenciado da IURD no RJ é mais um indicativo da força política que setores conservadores do neopentecostalismo têm acumulado. Dados resumidos sobre as capitais estão disponíveis em: <https://exame.abril.com.br/brasil/as-capitais-mais-e-menos-evangelicas-do-brasil/>
Acessado em: 15/05/18.

sagrados do judaísmo, como o Monte Sião e o Muro das Lamentações.” (TOPEL, 2011)

Apesar de levantar questões específicas aos grupos diretamente envolvidos, exposições preliminares do tema como objeto de pesquisa despertaram curiosidade em diferentes ambientes, acadêmico e fora da universidade. Isso pode ser confirmado por notícias veiculadas na grande imprensa, bem como em veículos específicos das comunidades judaica e evangélica.

Diversas reportagens da Folha de São Paulo abordam as relações entre evangélicos, os judeus e o Estado de Israel.⁹ Em uma reportagem do início de 2018, o jornal Folha de São Paulo publicou um texto em que identificava mudanças nos itinerários tradicionalmente visitados por fiéis cristãos em Israel. Locais bíblicos pouco visitados passaram a entrar nos roteiros evangélicos, como o Monte Hermon, onde teria acontecido a transfiguração de Cristo (milagre da irradiação de luz), e a cidade de Yafo, que aparece na história do profeta Jonas. As explicações para essa busca pelo “lado B da terra santa” seriam econômicas, já que pontos menos turísticos seriam mais acessíveis financeiramente, e políticas, ajudando a recuperar referências que são muito caras a setores específicos da sociedade israelense. É interessante notar que estimativas do Ministério do Turismo israelense apontam os cristãos como 65% de todos os turistas brasileiros que estiveram em Israel no ano de 2017¹⁰, sendo os evangélicos 25% do total.

Em sites relacionados ao meio evangélico, é possível ver que não há um consenso sobre a aproximação com o judaísmo. Enquanto cresce o número de igrejas evangélicas que celebram festas judaicas, alguns quadros religiosos parecem se opor a “judaização”, entendendo-a como uma “violência cultural”, um retorno ao particularismo judaico pré-cristão¹¹:

⁹ “‘Conexão com Israel’ explica estranha ligação entre judeus e evangélicos” Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/01/1948632-conexao-com-israel-explica-estranha-ligacao-entre-religioses.shtml>. Acessado em: 15/05/18

¹⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/01/1948630-turistas-evangelicos-brasileiros-miram-lado-b-da-terra-santa.shtml>. Acessado em: 09/08/18

¹¹ Escolhi essa citação porque acredito que ela demarca bem uma posição contrária àquela que é objeto de pesquisa desse trabalho. Topel (2011) afirma que é fácil encontrar na internet críticas ao processo de

Olhando para as escrituras que é onde devemos de fato buscar o discernimento para tudo isso vamos encontrar um fato extraordinário ligado ao dia de pentecostes que joga por terra qualquer justificativa dessa judaização da igreja hoje ou em qualquer tempo.

No dia da vinda do Espírito conforme Atos 2.1-13 está registrado o fato de que haviam representantes dos povos partos, medos, elamitas, gente da Mesopotâmia, da Judéia, Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia, Panfília, Egito, Líbia, romanos, cretenses, árabes e que todos estes ouviram os crentes judeus falarem as maravilhas de Deus não em hebraico, mas em suas próprias línguas. (...)

Os que fazem isso [judaizar prática ou teoricamente a igreja] estão se esquecendo que no pentecostes a igreja já se universalizava, e que o Espírito Santo levou a igreja, que nascera em berço judaico, a se tornar gentílica e portanto mundial. A cultura judaica nunca foi referendada como a cultura prevalecente sobre as outras culturas onde o evangelho haveria de chegar, se assim fosse teríamos todos de falar hebraico e viver como judeus mesmo. (...) (Pastor Batista Ednilson Correia de Abreu, “A Judaização das Igrejas Evangélicas no Brasil - Uma Violência Cultural”, 2011)

Por outro lado, segundo os pastores consultados em reportagem do site Gospel Prime¹², a celebração das cinco festas ordenadas por Deus seria uma maneira de se aproximar da vontade divina, não uma tentativa de se confundir com o judaísmo. As cinco festas religiosas tradicionais do judaísmo a que se referem os pastores são Rosh Hashaná¹³ (Ano Novo Judaico/Trombetas), Yom Kipur¹⁴, Sukót (Tabernáculos), Pessach¹⁵ (Páscoa Judaica) e Shavuot (Pentecostes). Cabe notar que a origem do termo pentecostal remete justamente a essa última festa, que marcaria as sete semanas entre a

“judaização” vindas de diferentes vertentes evangélicas. No seu artigo estão outros exemplos de quadros religiosos condenando essas aproximações como apostasia, um afastamento definitivo e deliberado da fé cristã. “A Judaização de Igrejas Evangélicas no Brasil – Uma Violência Cultural”. Disponível em: <http://www.adiberj.org/portal/2011/07/31/a-judaizacao-de-igrejas-evangelicas-no-brasil-%E2%80%93-uma-violencia-cultural/>. Acessado em: 09/06/18

¹² “Cresce o número de igrejas evangélicas que celebram festas judaicas”. Disponível em <https://noticias.gospelprime.com.br/cresce-o-numero-de-igrejas-evangelicas-que-celebram-festas-judaicas/>. Acessado em: 15/05/18

¹³ Ano novo judaico.

¹⁴ Dia do perdão, um dos eventos mais importantes para o judaísmo.

¹⁵ Nas palavras em hebraico, deve-se ler o “CH” com o som da letra “R”.

libertação do povo judeu do Egito e a entrega da Torá.¹⁶ Na tradição judaica, este seria o momento em que Deus fez uma revelação e um pacto coletivo com todos os judeus no Monte Sinai, inclusive com as almas daqueles que ainda não estavam vivos, referência que, em seu aspecto “mágico”, assemelha-se ao reavivamento do protestantismo (através da “glossolalia” e crença nos dons do Espírito Santo¹⁷, por exemplo). Esta recriação estaria de acordo com o que identificaram Topel (2011) e Costa (2017), sendo uma busca por autenticidade perdida e uma aproximação ao cristianismo primitivo, cujas fronteiras com a religião de origem ainda não eram tão claras.

Em relação à comunidade judaica, é possível identificar setores seduzidos pela ideia de um alinhamento político total ao Estado de Israel e uma mistura entre ignorância e desconfiança sobre as incorporações judaicas doutrinárias, litúrgicas e mercadológicas de setores evangélicos. Sobre o alinhamento político, o comparecimento de igrejas a eventos organizados por entidades judaicas, em que se levanta a bandeira de uma suposta defesa pública de Israel, é visto com bons olhos por setores conservadores, vinculados a perspectivas ideológicas à direita.¹⁸ Quando questionados sobre esse alinhamento improvável, as justificativas giram em torno na questão do antissemitismo e de um posicionamento pragmático, mais que “ideológico”, que poderia ser resumido na seguinte frase: *é melhor que, ao menos desta vez, os cristãos estejam a favor dos judeus, em vez de estarem explicitamente contra.*

É preciso compreender a importância que o Estado de Israel tem no imaginário e no universo simbólico de um povo que por séculos foi perseguido, expulso e morto pelos mais diferentes regimes. Antes da Segunda Guerra Mundial, o nacionalismo judaico (sionismo) concorria com outras expressões

¹⁶ Shavuot significa “semanas”. Na época do judaísmo bíblico e assim como outras festas, sua ocorrência coincidia com momentos importantes da agricultura, no caso, com a colheita. Por isso, além da “festa da entrega da Torá”, é chamada de “festa da colheita”.

¹⁷ PICOLOTTO, Mariana Reinisch. O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. Revista Contraponto, v. 3, n. 1. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/download/65741/37775>. Acessado em: 09/06/18.

¹⁸ Cobertura do evento “Chimarrão pela paz”, realizado pela Federação Israelita do Rio Grande do Sul e que contou com a participação da Igreja Viva 24 Horas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=3SYeaaWe3kE, <https://www.youtube.com/watch?v=uhOe8rsyJmM&feature=youtu.be> e http://www.conib.org.br/noticias/2573/em_copacabana_e_porto_alegre_evangelicos_e_judeus_pedem_paz_e_apoiam_o_estado_de_israel. Acessado em: 09/06/18

de identidade coletivas judaicas, outras soluções para a “questão judaica”, principalmente as de inspiração socialista, como o Bund¹⁹ (sigla em ídiche²⁰ de União Geral dos Trabalhadores Judeus da Lituânia, Polônia e Rússia). Eram identidades que propunham outras relações com Eretz Israel (Terra de Israel), o lugar de origem e destino do povo judeu. O estabelecimento do estado judeu, três anos após a Shoá²¹ e a destruição da pluralidade de judaísmos europeus, foi entendido como o renascimento de um povo quase exterminado nas câmaras de gás nazistas:

No mundo pós-moderno, o judaísmo não só deixou de ser uma presença constante na vida cotidiana da maioria dos judeus, como o era no período rabínico, mas também perdeu a vontade racionalizadora, doutrinária e discursiva do judaísmo moderno. O judeu pós-moderno funda sua identidade numa dupla dialética: de um lado sua identidade é devida a seus progenitores e ao sentimento de comunidade de destino que o Holocausto e o Estado de Israel geram quase que independentemente da vontade individual; de outro, em sua vivência cotidiana e sua autopercepção, ele compartilha as características básicas do individualismo, de alguém livre para realizar suas escolhas de acordo com sua consciência pessoal. (SORJ, 2010)

O sionismo, portanto, apesar de diverso e multifacetado ideologicamente, acabou hegemonizando identidades e afetos, passando de um movimento político por autodeterminação nacional, com vários matizes (de religioso a secular, militarista a pacifista, por exemplo), a uma ideia difusa, sinônimo de ligação com o Estado de Israel e da identidade judaica, aos olhos de judeus e não judeus.²² Neste contexto mais amplo, qualquer apoio ao Estado é visto como desejável, mesmo que para isso seja necessário fazer vista grossa a contradições com práticas e valores caros ao judaísmo, expressadas pelos apoiadores em outros níveis. Em entrevista recente, o

¹⁹ “O Bund imaginava um mundo sem fronteiras, mas com identidades, sem racismos, mas com grupos étnicos claramente definidos. O Bund era internacional e internacionalista. Percebia a luta contra o antissemitismo como parte da luta dos trabalhadores, encarava o nacionalismo judaico como seu adversário (...). Se o sionismo investia no renascimento de um idioma virtualmente morto [o hebraico], o Bund cantava, discursava, escrevia na língua judaica viva e pungente do leste da Europa, o ídiche.” GHERMAN, 2018.

²⁰ Língua dos judeus da Europa central e oriental que mistura elementos do alemão e do hebraico.

²¹ Tragédia, em hebraico, se refere ao genocídio judaico praticado pelos nazistas entre 1941 e 1945. GHERMAN, 2016. Neste trabalho será usado como sinônimo de Holocausto.

²² GHERMAN, 2018.

rabino Nilton Bonder expressou uma opinião sobre a aproximação das igrejas evangélicas com Israel que é compartilhada por setores progressistas da comunidade judaica brasileira²³:

Para Israel, é muito negativo ser queridinha do Trump e ter o apoio desse grupo. Israel é muito apresentada como um país do mal, um país que faz coisas erradas. Toda vez que aparece um grupo que a apoia, é muito sedutor para a comunidade judaica. Só que essa é uma armadilha para a comunidade judaica. Dou muita importância à questão das minorias, dos preconceitos, da liberdade religiosa. Como você pode estar junto de um grupo que trava uma guerra silenciosa contra tradições afrobrasileiras? Com ideias anti-imigração? A ampla maioria dos judeus é imigrante.

1.3 Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho foi semelhante à adotada por Topel (2011). Através do trabalho de campo realizado na Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, tive contato empírico com o que a bibliografia apontava. O objetivo do primeiro capítulo é analisar a presença e o lugar dos símbolos e referências ao judaísmo no templo e nos discursos dos membros da igreja. Isso foi feito mediante visitas ao templo e entrevistas com quadros religiosos da IAPTD. Também acompanhei regularmente as publicações da igreja nas redes sociais e complementei o observado em campo com matérias veiculadas por diferentes portais jornalísticos. As percepções sobre estas aproximações, captadas dentro dos meios evangélico e judaico, foram relacionadas com a bibliografia disponível.

No segundo capítulo, transcrevo a trajetória de Márcio²⁴, um exemplo de como a aproximação entre as duas religiões pode despertar interesse nos fiéis, a ponto de traduzir-se numa conversão religiosa. Oriundo de uma formação católica e de uma longa atuação como pastor em uma igreja pentecostal, sua aceitação em uma sinagoga faz com que esse caso possa ser visto como um exemplo bem-sucedido de trânsito religioso. O objetivo é mostrar que, apesar

²³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/05/16/sem-criacao-da-palestina-israel-vivera-apartheid-diz-rabino-progressista-no-brasil.htm>. Acessado em: 09/06/18

²⁴ Os nomes dos entrevistados neste trabalho foram substituídos, à exceção das figuras públicas, como as lideranças religiosas.

de haver indicativos de uma crescente busca dos fiéis evangélicos pelo judaísmo, poucos parecem chegar a completar a conversão. Nesse meio de caminho entre a busca e a aceitação, surgem questões entre as comunidades evangélicas e judaicas, bem como iniciativas que tentam absorver essa demanda. A técnica utilizada com Márcio foi a entrevista semiestruturada.

No terceiro capítulo, estarão em foco certas manifestações de apoio a Israel por parte de lideranças cristãs evangélicas e a retribuição por parte de representantes judeus. Essas manifestações acabam sendo constitutivas de alianças entre setores conservadores de ambos os grupos, que se inserem no atual contexto de polarização ideológica do país. Nesse contexto, qualquer manifestação de apoio a Israel é vista como automaticamente alinhada à direita, algo que é alimentado por certas perspectivas da esquerda brasileira. Para compreender os antecedentes desse fenômeno, retomo o trabalho de Ariel (2002), que traça uma linha histórica das relações entre os dois segmentos religiosos, evidenciando como a perspectiva dos evangélicos em relação aos judeus tem sido complexa e ambivalente. Complementa a bibliografia o trabalho de Maynard (2016), que também indica a existência e analisa a disputa entre as teologias da “substituição” e do “dispensacionalismo/milenismo”, esta última adotada pelos setores do pentecostalismo que se aproximam do judaísmo.

Tendo isso em conta, esse trabalho tenta entender certo fascínio exercido pelo judaísmo nesse segmento, apesar de - ou justamente devido a - falta de contato entre os sujeitos. Além das hipóteses já levantadas, a circulação de certos estereótipos sobre os judeus, em afinidade com a Teologia da Prosperidade, (COSTA, 2017)²⁵ contribuiria para explicar essa relação complexa, ambivalente e múltipla entre crentes, quadros religiosos e o capital simbólico judaico (TOPEL, 2011). Espero que o trabalho possa contribuir com a tarefa de elucidar alguns pontos desse fenômeno.

²⁵ “Além do mais, deve-se salientar que, na busca de uma autenticidade em torno da Teologia da Prosperidade, os neopentecostais encontraram no arquétipo do judeu enquanto uma pessoa bem sucedida financeiramente, uma concretização dessa prosperidade que tanto almejavam. A judaização das práticas neopentecostais seria, por fim, uma garantia de que, ao repetirem os gestos, palavras, e modo de ser e cultuar dos judeus, estes fiéis cristãos seriam tão abençoados como os fiéis do Povo de Israel”. COSTA, 2017.

2. A IGREJA APOSTÓLICA PLENITUDE DO TRONO DE DEUS

Por indicação de um mestrando do Núcleo de Estudos da Religião da UFRGS, fiquei sabendo da existência da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD) e de suas práticas “judaizantes”. Numa segunda feira à tarde, combinamos de ir juntos até sua sede, para verificar se as práticas do líder paulista, apóstolo Agenor Duque, também aconteciam na igreja de Porto Alegre.

Duque é uma figura emergente no campo evangélico, envolto em algumas polêmicas. Saiu da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), após ter começado na IURD, para fundar, junto com sua esposa, bispa Ingrid Duque, a IAPTD. Desde 2006, a igreja cresceu, contando hoje com 34 sedes espalhadas pelo país e cerca de 100 mil membros. Duque já foi motivo de reportagens acusando-o de contradizer pregações públicas sobre modéstia com seu gosto pessoal por carros de luxo e jatinhos. Também desenvolveu relações no campo político conservador, com figuras como o pastor Marco Feliciano e Geraldo Alckmin²⁶. Consta que também estaria interessado em construir um megatemplo para sua igreja, imitando os projetos das duas igrejas das quais foi membro.²⁷

Em visitas posteriores à igreja, Gabriela, uma jovem diaconisa de cerca de 20 anos, e o bispo Welton Bass, liderança da denominação no estado, me ajudaram a compreender o uso dos símbolos e a história da IAPTD em Porto Alegre. A igreja foi inaugurada pessoalmente pelo apóstolo Duque em dezembro de 2015²⁸, antes mesmo de haver uma liderança consolidada na cidade. Desde então, passou por dificuldades, como o desabamento do teto da sede antiga, e pela liderança de dois pastores diferentes, ambos de fora do Rio Grande do Sul, até que o bispo Bass e a pastora Nilda Bass, sua companheira, viessem morar na capital. Segundo meus interlocutores, nos dias mais cheios,

²⁶ Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/12/apostolo-emergente-das-igrejas-neopentecostais-promete-apagar-memoria-dos-fieis.html>. Acessado em: 26/04/18

²⁷ Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/terrace-paulistano/o-sonho-de-ultrapassar-edir-macedo-foi-adiado/>.

Acessado em: 08/06/2018.

²⁸ O que pude confirmar pelo vídeo de divulgação.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w2j6N2IJRVs>. Acessado em: 08/06/2018

os cultos chegam a ser frequentada por mais de 1000 pessoas. A igreja mantém um alojamento no andar superior e, além dos obreiros voluntários, emprega 17 pessoas. Destes, 8 são pastores, vários deles jovens, aparentando em torno de 20 a 25 anos. Uma dessas pessoas é o pastor Gabriel, de 21 anos, que me recebeu durante a segunda visita. Gabriel veio de Minas Gerais para se juntar à obra e, assim como Gabriela, ficou sabendo da existência da igreja pela televisão, pois desde 2016 a IAPTD aluga parte da programação da RBI TV²⁹.

2.1 O prédio

Localizada na Avenida Farrapos, 703, a IAPTD é vizinha de uma oficina mecânica e fica logo em frente a uma revenda de carros. Um corredor de ônibus divide as duas mãos da via, que é bastante movimentada. Fazia bastante calor e sol forte quando encontramos o endereço pela primeira vez.

Meu acompanhante me chamou a atenção para a placa que se localizava acima da entrada. Com alguma dificuldade, devido ao sol forte e à má conservação, podia-se ler o nome da igreja, o endereço da sede nacional e uma passagem do antigo testamento (*“o castigo que nos traz a paz estava sobre ele – Isaías 53:5”*). Além das palavras, via-se uma cruz dourada com uma pomba branca, símbolo da IAPTD, e uma foto do casal fundador. Uma consulta posterior ao Google Maps permitiu analisá-la com mais detalhes, identificando uma paisagem bastante conhecida da cidade de Jerusalém. Na foto panorâmica estão as pedras alaranjadas tradicionais de suas construções e, num olhar mais apurado, se enxerga as muralhas da cidade velha, local sagrado para as três religiões monoteístas.

Além do letreiro, visível apenas do outro lado da via, não havia grandes adereços religiosos identificando o templo. A entrada do salão principal era precedida por um recuo na calçada. Duas imponentes caminhonetes Land Rover, pretas, estacionadas em frente a porta principal, e uma mesa chamavam a atenção dos pedestres. Sobre a mesa, estavam um cálice, preenchido com óleo, um punhado de panfletos, com informações sobre os

²⁹ Disponível em: <https://www.ofuxicogospel.com.br/2018/04/apos-2-meses-apostolo-agenor-duque-recupera-programa-de-tv.html/>. Acessado em: 08/06/2018.

cultos, e um caderno com nomes. O cálice me despertou dúvidas quanto a sua simbologia, pois além de ser tradicional na ritualística judaica para outros fins, havia sido recém-comemorada a festa de Pessach, em que é costume deixar intocado um cálice preenchido com vinho, na mesa de jantar, fazendo referência à volta do profeta Elias.³⁰

Para entrar na igreja era preciso caminhar entre as duas caminhonetes, o que nos fez supor que aquilo deveria ter uma função complementar ao culto do dia, chamado de “Vida Financeira”.³¹ Havia ainda duas portas envidraçadas à esquerda e à direita, um espaço de convivência e uma loja, respectivamente. Pela vitrine, era possível ver CDs e DVDs com a temática religiosa expostos na loja, sendo alguns deles shows de artistas brasileiros gravados em Israel.

2.2 O espaço

Ao cruzar a porta principal, tive a impressão de estar entrando em um ginásio. A cor verde do piso, algumas marcações no chão, que lembravam linhas de quadras esportivas, não remetiam aos espaços religiosos que havia frequentado anteriormente. Posteriormente, fiquei sabendo que aquele prédio já havia abrigado um estacionamento. Apesar do tamanho, a arquitetura quadrada, como se estivéssemos dentro de uma caixa, sem janelas e com bastante eco, não transmitia a sensação de reverência que se esperaria ao entrar em um lugar sagrado. Chamava atenção as muitas cadeiras, feitas de material semelhante ao couro, cada uma bordada com logo e nome da igreja, dispostas como em um anfiteatro, voltadas para o altar.

Ao analisar a arquitetura dos templos pentecostais, Mafra (2003) chama atenção para o modo como as construções evangélicas se distinguem das católicas, bem como expressam noções opostas do sagrado. Enquanto as igrejas católicas, especialmente as góticas e neogóticas, caracterizam-se por

³⁰ Elias foi um dos profetas da tradição judaica e seu retorno, segundo alguns rabinos, marcaria o início da era messiânica. Em visitas posteriores entendi que a função exercida pelo azeite era a de unção aos que chegavam ao templo.

³¹ A IAPTD parece imitar o calendário da IURD, promovendo cultos temáticos, três vezes ao dia, com exceção do final de semana, reduzido a dois horários. Além do culto já citado, nos outros dias se realizam os cultos “Campanha de milagres”, “Quarta-feira profética” e “Campanha da libertação”. Aos sábados, “Culto dos jovens” e “Vida sentimental”, e “Culto da família”, aos domingos. Quinta-feira não há culto.

uma arquitetura “vertical”, em que o olhar é convocado para cima, indicando que o sagrado está nos céus, os templos protestantes caracterizam-se por ser “horizontais”, indicando que o sagrado está materializado na congregação de fiéis. A estética e a economia dos espaços também favorece e indica certas relações possíveis entre os fiéis, podendo funcionar como “uma metáfora da estratificação social”, segundo a autora. Na IAPTD se nota que todas as cadeiras estão no mesmo nível, estando apenas o altar mais alto, o que parece materializar a autoridade do pastor e seus auxiliares e a equivalência simbólica dos fiéis,

Não havia paredes dividindo o espaço, apenas uma escada discreta que partia do altar em direção a um segundo andar. Identificava-se o altar pela altura em relação ao chão, pela presença de um púlpito, coberto com uma bandeira do Rio Grande do Sul, e por símbolos religiosos ao fundo. Na última visita a igreja, pude presenciar o bispo Bass enviando a bandeira gaúcha para ser levada até Israel, na caravana do apóstolo Duque, e uma postagem nas redes sociais da igreja comprovando a chegada do objeto até Jerusalém.

Nos dirigimos a um homem que estava limpando o chão do altar e ficamos sabendo que havíamos chegado cedo para o culto das 15 horas. Posteriormente, descobrimos que este homem era um dos pastores da igreja. Havia poucas pessoas presentes no ambiente, o que se manteve durante o culto.

2.3 O culto

Durante o culto, as menções religiosas praticamente se restringiram ao Antigo Testamento. Entremeadado por gritos de “glória a Deus”, o pastor relacionou a temática financeira aos versículos iniciais da bíblia, aproximando “a escuridão que havia sobre a face da terra’ com a confusão na vida econômica que trazia os fiéis ao culto”. Também citou a história do juiz Gideão, que supostamente havia sido roubado enquanto trabalhava, como exemplo de perseverança a ser seguido. Aparentemente, a situação vulnerável dos fiéis não impediu a coleta da oferta, acompanhada de um discurso sobre a importância de contribuir para alcançar a prosperidade.

Ao final, trocamos algumas palavras com o outro pastor que auxiliou o oficiante. Nos apresentamos ao pastor André como estudantes da UFRGS, explicando que estávamos frequentando a igreja pela primeira vez. Fomos convidados a voltar e recebemos uma bênção, acompanhada de uma pequena cruz, preenchida com óleo. Apesar de se identificarem apenas como pastores, Azael e André pareciam ter menos experiência que o pastor oficiante, Marcelo. Infelizmente não conseguimos abordá-lo pois, tão rápido apareceu para realizar o culto, desapareceu pela escada que estava atrás do altar.

2.4 Os símbolos

Além dos DVDs e do cálice, expostos na entrada, havia uma mesa, ao fundo do altar, com outras referências familiares. A primeira foi a presença de uma menorá, o candelabro com suporte para sete velas. Para a tradição judaica, sua origem está ligada ao candelabro acendido pelo Sumo Sacerdote no Templo de Jerusalém. Modernamente, também passou a ser usado como emblema do Estado de Israel. Quando questionei o pastor Azael³², o primeiro a nos receber, sobre o que era aquele candelabro, escutei a nomenclatura hebraica misturada com uma explicação desconhecida, sobre a representação dos “sete espíritos de Deus”. A respeito da presença abundante de azeite em jarras e colunas na igreja, o pastor deu uma explicação semelhante, falando das “três materialidades de Deus”: água, vinho e óleo.

A segunda referência quase me passou despercebido, pois, devido à altura do altar, era difícil enxergá-la a distância. No chão do altar, onde ocorre a pregação, estava desenhada uma grande Estrela de Davi, símbolo amplamente associado aos judeus e ao judaísmo. Outra referência, menos comum nos ambientes judaicos, era um adorno que deduzi ser uma réplica da arca da aliança, o que se confirmou, posteriormente, pela loja virtual da IAPTD. No site da Livraria Plenitude, é possível encomendar réplicas da arca, talitót (mantos de oração judaicos), vestes de pano de saco como as utilizadas por Agenor

³² Na segunda visita, fiquei sabendo que o pastor Azael havia pedido a bênção para deixar a igreja e já não fazia mais parte da obra.

Duque (utilizadas pelos rabinos somente durante o Dia do Perdão, Yom Kipur), azeite da terra santa, entre outros itens.³³

Por fim, não me ocorreu na hora questionar o pastor sobre uma inscrição na parede, “Jeová Jiré 2018”, mas acredito ser uma referência às palavras hebraicas יהוה יראה. Em uma busca no Google, encontram-se músicas de temática religiosa com este nome, bem como mantos de oração e sites cristãos traduzindo a expressão como “Deus Proverá”, referência a uma passagem da história bíblica do sacrifício de Isaque, em que Deus “proveu” um carneiro no lugar da criança. Em comparação com essa quantidade de símbolos, a cruz preta, de cerca de 2 metros, ocupava um lugar secundário. Estava fora do altar ao nível do chão e do lado oposto de quem entrava na igreja.

2.5 As incorporações e seus sentidos

Somos seres humanos. Fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Por isso, não somos apenas corpo, somos também alma e espírito. Somos compostos de elementos externos e elementos internos. E é justamente assim que nos enxergamos e nos relacionamos com o mundo. Consequentemente, nossas atividades diárias são sempre um reflexo de nossa natureza. Qualquer ação que executemos está entrelaçada com aspectos externos e internos. É por isso que empregamos **signos**, gestos, palavras e diversas ações como expressão da correspondente atitude interior. A ligação do externo com o espiritual nos ajuda a captar melhor a realidade e a enriquecer nossa vida.

Assim, somos seres visuais. Não há como abrir mão disso. (DUQUE, 2015, Introdução)

Conversando com Gabriela e o bispo Bass, comecei a entender os motivos da presença dos símbolos judaicos na igreja, do ponto de vista êmico. Antes de tudo, meus interlocutores explicaram que a cruz, sem a imagem de Jesus Cristo pregado, servia para mostrar como Deus não estava mais ali e por isso não era um símbolo para ser adorado em si mesmo. Na conversa com o bispo, escutei um paralelo com o uso da kipá por judeus, como aquilo servia

³³ Disponível em: <https://livraria.iapttd.com.br/> Acessado em: 26/04/18

para simbolizar Deus acima deles, não a presença dele no objeto. Isso parece estar de acordo com o que Costa (2017) aponta:

Nessa busca de uma identidade neopentecostal brasileira, em oposição à forte identidade católica presente no país, as lideranças de tais Igrejas encontraram no simbolismo judaico a fonte para a ressignificação, autenticidade e legitimação dos seus cultos, uma vez que, de acordo com a visão evangélica, tais símbolos não poderiam ser acusados de idolatria, uma vez que eles fazem parte das narrativas bíblicas, e eram parte, inclusive, da identidade judaica de Jesus. (COSTA, 2017)

Em uma das conversas, Gabriela fez questão de mostrar miniaturas da arca da aliança e um talit³⁴. Questionada se aqueles símbolos não eram compartilhados por outra religião, Gabriela demonstrou estar ciente disso, mas não ter maiores questionamentos sobre suas origens. Neste momento, aproveitou para explicar que o manto de oração poderia ser usado por qualquer pessoa³⁵ e que aquele que me mostrava tinha procedência de Israel. Também contou que o casal Bass ia viajar para aquele lugar no mês seguinte e que, “se Deus quisesse”, ela também iria nos próximos anos. A diaconisa me explicou que os cultos seguiam diretrizes da sede nacional da IAPTD. Não há um cronograma anual para a leitura da bíblia (como acontece com as parshiót, porções semanais da Torá, na tradição judaica, por exemplo). Os cultos e as passagens lidas durante as orações seguem a lógica das campanhas estabelecidas por Agenor Duque em São Paulo. Na semana da visitação estávamos na “Campanha Queda das Muralhas de Jericó”, em que os pastores prometiam livrar os fiéis de “encostos”.

Após três visitas diferentes, finalmente tive uma oportunidade de falar com o bispo Bass. Conversamos por cerca de meia hora, no intervalo entre os cultos, em pé, em cima do altar da igreja e observados por alguns obreiros que se revezavam. Não posso afirmar se isso se deveu a uma desconfiança sobre minhas motivações de estar ali (mais de uma vez fui perguntado se era

³⁴ Gabriela seguidas vezes se referiu ao “talít” como “táliti”. Para quem está acostumado à pronúncia dos termos hebraicos, chama a atenção detalhes como a mudança da sílaba tônica das palavras, algo que denota uma impressão de “artificialidade” no uso, por mais arbitrária que seja essa conceituação.

³⁵ Na tradição judaica, apenas os meninos e as meninas que realizam o ritual de passagem para a maioridade (bar/bat mitzvá) podem vestir o talit.

jornalista), mas optei por manter uma certa informalidade na entrevista. Apesar da situação ergonomicamente desfavorável, devo registrar que tanto o bispo quanto os demais obreiros foram bastante atenciosos durante as conversas.

Não tive muita dificuldade de chegar no tema desejado. Após explicar que fazia um trabalho sobre igrejas evangélicas, perguntei sobre o significado do cálice que estava na entrada, ao que o bispo fez questão de dizer que o óleo tinha procedência israelense. Me explicou que o azeite cumpria a função de ungir os fiéis, assim como a água benta na Igreja Católica. Também perguntei sobre a Estrela de Davi desenhada no chão e a menorá. Sobre a Estrela, escutei que usavam essa porque os cristãos não poderiam usar a de 5 pontas, por se tratar de um símbolo maçom, e que um cristão, ao olhar a menorá, lembrava-se automaticamente do templo (e do tempo) bíblico.

A primeira coisa que percebi era que o bispo sabia bem que se tratavam de símbolos judaicos. Quando perguntado se já tinha ido à Israel, me respondeu que ia pelo menos duas vezes por ano. Normalmente, acompanha as caravanas da igreja, junto com o apóstolo Duque, em que contam mais de 100 fiéis por ano, mas já chegaram a levar 280 pessoas de uma vez. Questionado se moraria lá, o bispo abriu um sorriso, respondendo:

Com certeza, se o apóstolo me mandasse eu iria feliz. Lá não tem esses problemas de assalto, segurança. Têm o problema do terrorismo, do pessoal que mata pela religião, mas como Israel luta muito contra isso então acaba sendo seguro. Também tem a facilidade de ser brasileiro, o pessoal gosta muito lá, por a gente ter dado o voto de minerva na criação do Estado. Além disso, é muito forte a conexão espiritual, não tem igual. (Bispo Bass)

Foi interessante notar duas coisas em relação a sua narrativa sobre Israel. A primeira foi de que, apesar de parecer conhecer uma variedade de lugares, algumas vezes se confundiu ao usar Jerusalém como sinônimo de Israel. A segunda foi o aparente desconhecimento sobre a existência de igrejas pentecostais lá. Questionado sobre a igreja ter planos de abrir uma sede lá, Bass me respondeu que “infelizmente não se pode abrir igrejas lá em Jerusalém”. Foi difícil aceitar que o bispo não sabia da existência de, ao menos, duas igrejas pentecostais, igrejas que já estão instaladas há uma

década, algo que questionei novamente, recebendo a seguinte resposta: “que eu saiba não pode abrir igrejas lá, deve ser em Tel Aviv”. A respeito disso, o artigo de Gherman (2009) *“Deus e Diabo na Terra Santa: Pentecostalismo brasileiro em Israel”* ajuda a compreender as estratégias de expansão adotadas pelas igrejas³⁶:

A partir da década de 1990, a sociedade israelense passa a ser testemunha do surgimento de um novo movimento religioso dentro das fronteiras do Estado de Israel, o pentecostalismo brasileiro. Vivendo em Israel desde 2002, comecei a perceber cada vez com mais frequência símbolos evangélicos em português nas ruas de Jerusalém e constatei a presença típica de fiéis circulando pelas ruas da cidade, não mais em grandes grupos de turistas, mas agora em pequenos grupos em supermercados, na feira, nos pontos de ônibus, em práticas típicas de habitantes da cidade e não de turistas de passagem.

A Congregação Cristã do Brasil (CCB) e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) tiveram desenvolvimento similar no seu estabelecimento no Estado de Israel. A expansão do pentecostalismo brasileiro em Israel pode ser considerada parte de um processo capitaneado por diversas denominações pentecostais brasileiras, o “Expansionismo Transnacional do Pentecostalismo brasileiro” (ORO, 2004, p. 4). Nesse processo, diversas igrejas alcançaram outros países na América do Sul, do Norte e Europa, estabelecendo-se nesses territórios. Face à expansão do pentecostalismo brasileiro, o Estado de Israel pode ser considerado um dos lugares onde o movimento apareceu e até mesmo prosperou. (GHERMAN, 2016)

Nesse contexto, aproveitou para dizer como a igreja era perseguida, tanto lá quanto aqui no Brasil. Fiquei sabendo que a igreja não pode mais usar as caixas de som em volume alto durante os cultos, devido às reclamações dos vizinhos, o que deve adiantar a mudança física da sede.

Ainda sobre as relações com os judeus e o judaísmo, provoquei o bispo sobre como se poderia usar os símbolos de um povo que havia matado Cristo.

³⁶ Em rápida pesquisa na internet, encontrei dois endereços da CCB em Jerusalém e três endereços da IURD em três cidades diferentes (Tel Aviv/Yafo, Haifa e Nazaré). Disponível em: <http://www.ccbhinos.com.br/?&relatorios=sim&categoria=Igrejas+ccb+no+mundo&categoria=Igreja+CCB+em+Jerusalem+Jud%E1+Israel+Congrega%E7%E3o+Crist%E3+no+Brasil+de+Jerusalem&relatorios=sim&CI=Jerusalem&CB=Israel&pag=52> e <https://iurdenderecos.wordpress.com/about/israel/> Acessado em: 12/06/18

O bispo então me esclareceu que os judeus rejeitaram Cristo, mas não o mataram:

Os judeus não mataram Cristo. Eles rejeitaram e, na próxima vinda, vão ter que aceitar se quiserem ser salvos. Nós não vamos precisar perguntar para Cristo se é ele mesmo, todo mundo vai saber quando ele chegar. Hoje em dia já tem muitos judeus aceitando Jesus. Eles sabem que é o certo, que nós fazemos as práticas como ele fazia, aceitando que ele é o salvador. Só que, se algum evangélico quiser se converter para o judaísmo, eu até acho melhor do que se fosse pra outra religião. Hoje em dia eu não me converteria mais, não teria mais como. (Bispo Bass)

Também foi curioso o bispo contando que seu casamento foi feito por um rabino, algo que passou relativamente despercebido na hora e perdi a chance de explorar. No entanto, quando perguntei se eles tinham contato com judeus, me respondeu que em Porto Alegre não, mas em São Paulo sim. Contou que chegou a trabalhar para uma família de judeus do bairro Higienópolis, local com bastante presença judaica. Aproveitando o contexto, perguntei sobre o Templo de Salomão e a relação com a IURD:

Eu já fui ao Templo de Salomão. A gente tem que manter boas relações com as outras igrejas, se não seria incoerência né? A gente aqui pregando a paz e não se dando bem nem entre nós... O que o Edir Macedo fez é uma obra de arte, segue várias das descrições que estão na bíblia sobre como deveria ser o Templo. Apesar disso, por não ser em Jerusalém, têm várias coisas que não são iguais, mas é impossível não olhar para aquilo e não lembrar na hora do Templo de Salomão mesmo, assim como a gente tenta fazer com a arca da aliança, a menorá, o cálice... Só que eu não faria uma construção daquelas porque corre o risco de acontecer de novo o que já aconteceu, daquilo virar objeto de adoração, de idolatria em si mesmo. (Bispo Bass)

Ao falar sobre as outras igrejas neopentecostais, o bispo utilizou a metáfora do supermercado, como se cada igreja fosse uma empresa diferente (Zaffari, Pão de Açúcar, nas suas palavras) mas os produtos à disposição dos clientes/fiéis fossem os mesmos. Com isso o bispo pareceu expressar um sentimento de pertencimento evangélico maior, supra-denominacional, em que

tanto ele, o apóstolo Duque, o bispo Macedo e o apóstolo Valdemiro Santiago (IMPD), assim como tantos outros, estariam envolvidos. Curiosamente, o sociólogo Bernardo Sorj, ao falar sobre o judaísmo pós-moderno, utiliza a mesma metáfora, mas em um sentido crítico:

Na prática, o judeu pós-moderno lembra de seu judaísmo em contextos particulares – nascimentos e mortes, casamentos e Bar/ Bat Mitzvot – e em momentos especiais da trajetória pessoal – doenças, crises existenciais etc. O judaísmo passou a ser, desse ponto de vista, um supermercado cultural-existencial, no qual se entra e do qual se sai segundo necessidades circunstanciais, escolhendo, da vasta prateleira de produtos, aqueles mais adequados ao momento. (SORJ, 2010)

Questionado sobre as relações da igreja com a política, o bispo contou que a IAPTD não tem nenhum vereador na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, mas que está estudando a situação para os próximos pleitos. Por fim, fez questão de ressaltar que a igreja faz um trabalho “do bem”, auxiliando as pessoas que vêm pedir ajuda pelos mais diversos motivos (problemas com drogas, no trabalho, amorosos), “não como na macumba, em que a pessoa chega pedindo para separar outras duas de um relacionamento e eles fazem”. O bispo também relatou que, até chegar no movimento pentecostal, passou por diversos ambientes religiosos, como o espiritismo, “sem nunca ter feito magia, mas tendo observado, porque aí sim tenho propriedade para falar daquilo”. Ao se despedir, me convidou para retornar e me presenteou com um livro do apóstolo Duque, “Os mistérios do reino dos céus”, dedicado a explicar os símbolos da igreja e seus significados.

O livro é bastante didático em explicar os significados atribuídos a diversos símbolos, sejam eles os bíblicos, *latu sensu*, os judaicos, *strictu sensu*, os relativos à “Nova Era” e os “satânicos”. Também explica os sentidos que as cores têm na visão cristã, bem como o que algumas tatuagens³⁷ e piercings representariam, muitas delas oferendas ao diabo. Sobre os símbolos judaicos, Duque escreve:

É interessante notar que todos os símbolos utilizados pelos judeus servem para lembrá-los de seu compromisso com o Eterno Deus e têm

³⁷ Cabe notar que as tatuagens são proibidas pelas correntes ortodoxas do judaísmo.

o sentido de trazer à sua memória (do homem) a reverência e a lembrança do Eterno (Lamentações 3.21). É um lembrete da presença constante de Deus.

É claro que Deus não precisa de símbolos para abençoar o homem, mas o detalhe é justamente este, pois o homem precisa de sinais e símbolos para lembrar-se de seu Criador e ter sempre em mente a aliança feita com ele. (DUQUE, 2015, p. 99)

Além dos símbolos já explicados (Torá, menorá, talit, kipá, mezuzá e arca da aliança), cabe enfatizar a presença dos meraglim, na narrativa bíblica, os espiões enviados por Moisés antes da tomada de Canaã, que não possuem uma correspondência física a algum objeto, e as ressignificações da Estrela de Davi. Após alguns parágrafos coerentes com explicações judaicas sobre sua origem e significados, Duque afirma que a Estrela “simboliza também o Messias de Israel, a saber, Yeshua Hamashiach (Jesus Cristo)”, utilizando trechos do Novo Testamento para justificar a ressignificação:

Veja o que diz o texto de Apocalipse 22.16: “Eu, Jesus (Yeshua), enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã”. Da linhagem de Davi, o próprio Messias (Yeshua) se assentará no trono de Davi em seu reino milenar sobre a Terra. (...)

A Estrela de Davi é formada por dois triângulos. Um representa Yeshua como homem. Os três lados fazem referência à tríplice divisão que compõe o homem: espírito, alma e corpo. Assim, o homem é um espírito que possui uma alma (mente natural) e habita em um corpo físico. O outro triângulo fala na manifestação de Deus nas Pessoas de HaAv, HaBen e HaRuach HaKodesh, a saber, Pai, Filho e Espírito Santo. A união dos dois triângulos fala da tarefa do Messias Yeshua de ser mediador e reconciliador entre Deus e o homem. (DUQUE, 2015, p. 104)

Por fim, o último símbolo abordado é o tefilin. Apesar de não haver uma ressignificação e de não ter visto seu uso durante minha pesquisa, novamente a explicação converge com a judaica. O termo tefilin é relativo à palavra tefilá (prece). Consiste em duas pequenas caixas quadradas de couro de um animal kasher, ou seja, permitidos para consumo. Devem formar um quadrado perfeito e as tiras de couro devem ser pintadas de preto, sem qualquer falha. Dentro de

cada caixa, encontram-se escritos em pergaminho (que também é feito de um animal kasher) quatro parágrafos da Torá.³⁸ No entanto, chama a atenção o aspecto guerreiro associado ao uso de um objeto religioso e antigo, acionando referências contemporâneas para justificar sua importância:

Os sábios judeus consideram que ao usar tefilin, todos os povos temerão Israel. Esta ênfase foi dada, por exemplo, pelo Rebe de Chabad [também conhecido como Rebe de Lubavitch (1902-1994), figura importante na ortodoxia judaica] em 1967 que, pouco antes da Guerra dos Seis Dias, proclamou que Israel estava em grande perigo e incentivou uma campanha pelo uso do tefilin. A surpreendente e rápida vitória de Israel nesta guerra foi atribuída pelo Rebe ao grande número de pessoas que aderiram à campanha. (DUQUE, 2015, p. 108)

Com as visitas a IAPTD pude comprovar a existência das incorporações e sua centralidade na simbologia da igreja, tal qual havia lido na bibliografia. Protegidos da acusação de idolatria, os objetos judaicos parecem exercer uma função equivalente a de símbolos tradicionalmente vinculados ao catolicismo, como a cruz e o peixe, sendo um componente fundamental na espiritualidade e na identificação com a denominação. Recuperando traços da IURD, também poderiam ser vistos como um entre tantos mediadores entre o sagrado e o profano (BIRMAN, 2011 apud TOPEL, 2011) adotados pelas igrejas neopentecostais.

Apesar de haver uma tentativa de fornecer consistência doutrinária nessa incorporação, como se observa no livro de Agenor Duque, isso não parece ser uma questão principal ou uma tarefa imprescindível para que os símbolos continuem a ser usados. Como já indicado, apenas o bispo Bass soube dar uma explicação teológica sobre o uso dos símbolos. Bass também demonstrou certo apreço pelos judeus e principalmente por Israel, apreço que não se restringe somente aos aspectos religiosos, pois identifica Israel como um lugar seguro e próspero para se morar, algo bastante valorizado pelos neopentecostais. Por fim, referências religiosas (kipá, talit e outros adereços) e

³⁸ Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/666735/jewish/O-Tefilin.htm Acessado em: 12/06/18

seculares (bandeira de Israel), modernas e antigas, parecem ser intercambiáveis e se misturam no ideário associado ao “povo de Israel”.

3. TRAIÇÃO E TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

Em seu livro “A Alma Imoral”, o rabino Nilton Bonder defende a importância da traição como mecanismo de reprodução das tradições. Bonder argumenta que “não há outro exemplo tão rico em simbolismos na história do Ocidente quanto os episódios que fizeram da relação dessas tradições (judaísmo e cristianismo) um campo de batalha para as dificuldades de acerto entre o corpo e a alma, entre a moral e as transgressões” (1998, p. 85).

Enquanto mapeava o campo e acumulava leituras sobre o contexto que começaria a explorar, fiquei sabendo da história de Márcio. Márcio é um exemplo de como a aproximação simbólica e imaginária do neopentecostalismo com o judaísmo pode levar a uma aproximação pessoal dos adeptos. Ainda mais singular é o fato de se tratar de um pastor que buscou uma sinagoga, foi aceito e então decidiu por se converter ao judaísmo. O que será narrado aqui se baseia em uma entrevista semiestruturada, realizada na casa de Márcio, Zona Sul de Porto Alegre, em abril de 2018. O entrevistado concordou com o uso de gravador e não fez nenhuma restrição quanto ao que poderia ser exposto no trabalho de conclusão de curso.

3.1 A história de Márcio

Nascido em uma família católica, Márcio se aproximou da religião por uma vocação particular. Apesar de ter feito batismo e crisma, conta que sua família mantinha a tradição num estado de “inércia”. Sua mãe frequentava esporadicamente a igreja, seu pai raramente. Márcio começou a frequentar uma paróquia na Zona Sul de Porto Alegre, região em que morava, por conta própria. Nesse tempo, acabou fazendo amizade com os padres. “A igreja católica era um movimento absoluto pra mim”, recorda.

Essa trajetória, marcada por um interesse inédito na família, o levou a ler as escrituras sagradas por conta própria. Ao longo da leitura, surgiram questionamentos sobre incoerências no texto. No entanto, na igreja não se falava sobre a bíblia, o que acabou criando incômodo com os padres: “Chegou uma hora que não tinha com quem conversar”, conta Márcio, apesar de que isso não impediu sua jornada de estudo da tradição católica. Nessa busca,

acabou se deparando com menções negativas aos judeus e ao judaísmo. Conta que a visão mais difundida era a que associava os judeus como os assassinos de Cristo e que, portanto, sua aliança com Deus havia sido substituída pelos cristãos, conhecida como “teologia da substituição”.

Márcio acabou se vinculando ao movimento evangélico, mais especificamente a uma denominação chamada “Igreja do Senhor Jesus”.³⁹ Frequentou a obra até se tornar pastor, função que exerceu por 12 anos. Conta que, em sua igreja, já via a utilização de símbolos judaicos, como a menorá e a Estrela de Davi, sem entender muito bem os motivos. Durante esse tempo, seguiu estudando o Velho Testamento e tendo questionamentos. Para retomar a ideia de Bonder em “A Alma Imoral”, foi nessa época que começou a descobrir as *traições* do cristianismo. Não podia compreender incoerências, como o uso de ídolos e o dia de descanso diferente do que afirmavam os 10 mandamentos⁴⁰: “os evangélicos fazem culto para Jesus mas dizem que não são idólatras, porque não usam imagens de santos. A trindade também, é mais uma das confusões do cristianismo, já que nos mandamentos está bem claro que Deus é um só”.

A visão negativa e reificada dos judeus parece ter sido uma constante na vida cristã do entrevistado. Conta que tinha aversão até mesmo a frequentar o bairro Bom Fim, e, recentemente, após retomar o contato com um pastor, perguntou: “por que vocês (evangélicos) adoram um judeu morto, mas odeiam os judeus vivos?”. Márcio afirma que existem muitas pessoas querendo sair desses movimentos, querendo saber mais sobre o judaísmo, mas não tendo para onde ir, já que seria difícil o contato e, mais ainda, a aceitação nas sinagogas.

Alguns motivos poderiam ser levantados para isso. O primeiro seria a hostilidade da lei judaica ao proselitismo, isto é, o estímulo consciente à

³⁹ Acredito que Márcio tenha se referido a “Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo”, fundada pela pastora maranhense Valnice Milhomens. Segundo Maynard (2016), Milhomens foi uma das difusoras do “dispensacionalismo” no Brasil, ainda nas décadas de 80 e 90. A “restauração de Israel” seria um dos temas recorrentes em suas aparições semanais na TV e sua igreja uma das primeiras a celebrar festas judaicas.

⁴⁰ Segundo os 10 mandamentos, não é permitido fazer imagens ou esculturas de Deus e o dia de descanso deve ser o sábado.

conversão de novos fiéis. O segundo é o longo processo pelo qual deve passar alguém que se propõe à conversão. Este processo inclui um tempo de estudos com um rabino, que pode durar mais de um ano, a imersão em uma mikvê⁴¹, algo que nem sempre está à disposição de todas as sinagogas, bem como a aprovação por um tribunal rabínico (Bet Din). Este evento deve contar com três autoridades religiosas, o que geralmente implica em deslocamentos dos envolvidos para outras cidades. Para os homens, também é necessário realizar a circuncisão.

Todavia, existem iniciativas recentes que buscam absorver esse contingente de pessoas buscando o judaísmo. Um exemplo são os Bnei Noach, “filhos de Noé”, grupo de não-judeus que têm sido assessorado por quadros da ortodoxia judaica no cumprimento das 7 leis de Noé.⁴² Como boa parte das práticas da ortodoxia judaica brasileira, o movimento foi importado dos Estados Unidos e oferece auxílio religioso para aqueles que buscam se aproximar do judaísmo, sem os converterem.⁴³ Este movimento por si já mereceria uma pesquisa mais detalhada, pois tem cumprido a função de ensinar os valores judaicos, sem transformar os não-judeus em parte da comunidade judaica. Esta espécie de assessoria tem custos e ainda não se sabe se está neutralizando ou apenas postergando conflitos: como as lideranças ortodoxas reagirão se os Bnei Noach decidirem se converter ao judaísmo? Caso não sejam aceitos na ortodoxia, existe a possibilidade de recorrerem a sinagogas liberais para realizar a conversão. Caso se torne uma

⁴¹ A imersão em uma mikvê pode ser realizada em água corrente ou, como é mais tradicional, em uma espécie de piscina alimentada com água das chuvas. Para ver mais: <http://www.cip.org.br/quem-somos/judaismo-liberal/judaismo-conservador/conversoes/>
Acessado em: 10/05/18

⁴² Segundo as fontes judaicas, todos humanos seriam descendentes de Noé e 7 leis seriam o pilar da civilização humana. Segundo o site da corrente ortodoxa Chabad, são elas:

- 1) Não matar
- 2) Não roubar
- 3) Não adorar falsos deuses
- 4) Não cometer adultério
- 5) Não comer nenhuma parte de um animal vivo
- 6) Não blasfemar
- 7) Fazer justiça através de tribunais

Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1318140/jewish/As-Mitsvt-dos-No-judeus.html Acessado em: 10/05/2018

⁴³ Disponível em: <https://www.yeshiva.co/midrash/shiur.asp?cat=16&id=14572&q=> Acessado em: 08/06/2018

demanda recorrente, isso pode acabar provocando reações adversas de setores da comunidade.

Aqui cabe uma breve explicação sobre o campo religioso judaico. Utilizando a mesma distinção de Gutierrez (2011), podemos afirmar que há uma divisão entre ortodoxos e liberais.⁴⁴ Em Porto Alegre, os ortodoxos estão concentrados em duas sinagogas (Linat Hatzedek e Chabad), que por sua vez têm diferenças históricas e de atuação entre si. Enquanto a primeira está mais focada em disputar a hegemonia dentro da comunidade, a segunda mantém pouca atuação no sentido de ampliar sua influência interna e têm fornecido a assessoria para os Bnei Noach. Os liberais se dividem em três sinagogas e concentram a maior parte do público. Devido a sua origem conciliadora entre tradição e modernidade, mantêm mais relações com o público externo (através de grupos inter-religiosos, por exemplo), mas também concentram suas atividades dentro da comunidade.

Em parte, essa foi a trajetória de Márcio. Antes de ser aceito numa sinagoga liberal, fez contato e recebeu aulas de um rabino ortodoxo. Além dos Bnei Noach, Márcio acionou a história dos Bnei Anussim, ao tentar explicar a atração que muitos evangélicos sentem pelo judaísmo: “existem muitos cristãos novos no movimento evangélico, muita gente que tem sangue e alma judias, sentem alguma ligação com o judaísmo, mas não sabem por quê”.

O mesmo valeria para os quadros religiosos do movimento evangélico: “Muitos subornam sua consciência. Sabem que tá errado, mas dependem economicamente da igreja”, explica. Ao longo da conversa, Márcio enfatizou seguidas vezes que nunca recebeu um real da instituição, o que facilitou sua saída. Depois de se aconselhar com pastores mais experientes, decidiu deixar a comunidade de 300 pessoas que liderava. Não pediu para as pessoas o seguirem e entregou o rebanho para seu superior. Explicou que saía do movimento, pois não acreditava mais no que pregava e não havia encontrado as respostas que buscava.

⁴⁴ Esta distinção é produto da emancipação judaica na Europa, quando os judeus passaram a ser aceitos como cidadãos dos países em que estavam, tendo que reformular o judaísmo rabínico que vigorava nos guetos. SORJ & GRIN, 2008.

Fazendo um balanço sobre seu tempo na igreja, Márcio enxerga coisas positivas. Apesar de que “a maioria não tem interesse em ir mais a fundo (no judaísmo), eles (os evangélicos) não estão errados. Acontecem coisas boas quando se vai à igreja”. O entrevistado parece não se encaixar automaticamente naquilo que Bourdieu (2006) chamou de “ideólogo da própria vida”: “uma certa propensão a selecionar, em função uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecer relações de causalidade [...] para criar um sentido artificial”. Perguntado se sente falta de estar no púlpito, responde que nunca teve interesse “em ser nada”, apesar de que, nessa fase da vida, gostaria muito de ver uma sinagoga na Zona Sul. “Eu teria meu papel, daria uma contribuição” afirma, manifestando sinais de um *habitus* de entrega a um empreendimento coletivo, uma característica que parece ter permanecido dos tempos de evangélico.

Márcio afirma que os ex-companheiros não entenderam bem sua saída, já que não fez o caminho comum de sair da igreja para fundar outra. Não seguiu os passos de pastores carismáticos que saem para tornar-se líderes de suas próprias igrejas, levando muitos fiéis juntos, “como Côrach, que desafiou a liderança de Moisés, e foi punido”, em suas palavras.

Como não ganhava dinheiro da obra, vivia uma vida mais simples, de alugueis e da renda acumulada com os anos de trabalho. Uns meses após sua saída, a mãe veio a falecer e Márcio assumiu seus negócios, retornando para o comércio. Internamente, sua situação seguia conturbada: “Até então, estava no engano. Se o Novo Testamento era uma mentira, só me restava voltar para o Velho. Não tinha caminho do meio”.

3.2 A transição para o judaísmo

Antes de tentar contato com judeus em Porto Alegre, Márcio conheceu outras pessoas em situação semelhante à sua. Eram cariocas, também oriundos do meio evangélico “que estavam praticando um judaísmo precário, sem acompanhamento, mas tinham mais conteúdo, já haviam feito contato com rabinos e já haviam visitado Israel. Começamos a trocar informações.” Assim começou um grupo de estudos sobre judaísmo, em casa, com alguns amigos que vinham do mesmo movimento. Em um determinado momento, viram que

era necessário aprender hebraico, a língua do Velho Testamento. Procurando na internet, chegaram a um rabino ortodoxo, da sinagoga Chabad, o rabino Shmuel. Esta era a primeira vez que Márcio ia se encontrar com um judeu, ou, ao menos, a primeira vez que sabia disso. Marcaram a primeira reunião no shopping e depois tiveram mais três encontros em casa: “Ele viu um potencial grande no grupo, viu que sabíamos bastante de judaísmo, mas não andou. Ficou de dar um preço, tinha algumas exigências e a coisa não andou”.

Questionado sobre como foi este primeiro encontro, Márcio admitiu que, apesar de saber como se vestia um judeu ortodoxo, “deu um choque. Era o típico judeu de roupa preta, barba e tudo...”. Mais tarde, quando passou a frequentar a sinagoga liberal, descobriu que já havia tido contato com mais judeus: uma ex-colega de escola e mais alguns colegas representantes comerciais. Aos poucos, sua imagem dos judeus começava a mudar.

Frustrada a primeira tentativa, Márcio fez contato por telefone com o Centro Israelita, uma das sinagogas liberais, e conseguiu que uma professora vinculada à instituição frequentasse o grupo de estudos que mantinha em sua casa. Tiveram aulas de hebraico durante 6 meses e trocaram informações sobre a sinagoga. Feito este contato, enviou um email contando sua história para o rabino da instituição e foi convidado a visitá-la: “fomos prontamente acolhidos pelo rabino. Expliquei minha situação, contei toda minha história e ali começamos a frequentar a sinagoga”. Nessa transição (meados de 2016), levou junto mais ou menos 30 pessoas de seu grupo:

Depois de quase 6 meses indo lá, estabelecendo uma relação, aconteceu uma coisa inédita aqui em Porto Alegre, que foi o rabino aceitar esse grupo e dar uma aula por semana, na sinagoga, para falar sobre judaísmo, para quê, num segundo momento, aqueles que tivessem interesse, pudessem frequentar regularmente a sinagoga e, amanhã ou depois, até fazer uma conversão. Quando o rabino aceitou, saiu um peso grande das minhas costas e eu passei a responsabilidade para ele. Pras pessoas eu falei: agora que vocês já estão dentro de uma sinagoga, dentro do judaísmo, caminhem com as próprias pernas, mostrem interesse. Ficaram poucos, muitos sentiram as exigências, queriam um caminho mais fácil. Só eu e minha esposa fizemos o curso de conversão. (Márcio)

É possível imaginar o quanto essa escolha transformou a vida de Márcio e sua família. A conversão marcou um ponto definitivo em sua trajetória e reafirmou sua fidelidade com a vocação religiosa, ainda que através de uma ruptura. Ressalta que algumas pessoas se afastaram depois de ter virado judeu, acreditando que Márcio tinha “enlouquecido” ao decidir ser parte de um “povo maldito”. Esse tema também apareceu nas conversas com o rabino, que lhe perguntou: “por que quer fazer parte de um povo que é perseguido? Por que se incomodar? Tive que responder que agora não tinha mais volta. Já tinha descoberto a verdade, não tinha mais o que fazer”.

Além do rabino, a congregação acolheu Márcio: “pessoas me convidaram para participar de festividades judaicas sem eu ser convertido, sem me conhecer e isso foi muito importante porque foi o primeiro convívio com judeus. Tenho muita gratidão a esse lugar”. Mas outro acontecimento relevante nesta transição foi a interpretação de Márcio da gravidez de sua esposa. Após 15 anos desde o nascimento da primeira filha, receberam a notícia de que iam ser pais novamente e a gravidez de um menino foi entendida como um sinal de Deus para concretizar a transição de religião. Márcio acabou batizando a criança como Benjamim, nome da tribo do primeiro rei de Israel, Saul:

Quando eu tava naquele momento de indecisão, de sair do movimento que eu tava e migrar pro judaísmo eu pedi para Deus um sinal. Eu tava confuso, um pouco inseguro, precisava de uma prova de que o que eu ia fazer era certo. Passada uma semana, recebi a notícia que minha esposa estava grávida.
(Márcio)

Das várias metáforas e alusões bíblicas que apareceram no relato de Márcio, talvez a mais interessante seja a que se refere a Moisés e ao Egito. No mesmo livro já citado, o rabino Bonder menciona que

O Egito é, acima de tudo, um símbolo, por representar um lugar que “já foi bom” e deixou de ser. As analogias se tornam mais interessantes ainda se reconhecermos que a etimologia hebraica da palavra Egito – *mitsraim* – quer dizer “lugar estreito”. Todos nós deparamos com lugares que se tornam estreitos em determinado momento. Estes lugares, que outrora serviram para nosso desenvolvimento e crescimento, se tornam apertados e limitadores.
(1998, p. 47)

Para ortodoxos e liberais, Moisés é uma personagem ímpar na tradição judaica. Antes de se tornar o libertador de um povo escravizado e de ter registrado sua narrativa fundamental, é consenso que Moisés cresceria como um egípcio, adotado pela filha do faraó. Além do campo religioso, sua figura também inspirou Freud a trabalhar sua judeidade, em um jogo dialético entre Moisés, Egito e o monoteísmo, no livro “Moisés e o Monoteísmo” (1939). Não é à toa que Márcio mobiliza esse exemplo para resumir sua trajetória:

Moisés foi criado no Egito, cara, aprendeu tudo que era do Egito, depois saiu e foi lá destruir o Egito! Eu me sinto mais ou menos assim. Nasci em todas essas porcarias e agora saí fora, tenho que acabar com esse negócio. É um paradoxo louco, não é, cara? (Márcio)

A trajetória de Márcio parece *Sui generis*. Sua migração do catolicismo para uma igreja pentecostal e, posteriormente, o contato com o judaísmo, constitui um imbricamento entre afastamento da identidade brasileira majoritária, passagem por uma identidade brasileira em ascensão e chegada em uma religiosidade minoritária. Isso se deu a partir de uma busca pessoal por sentido, algo singular e difícil de ser representado em sua totalidade, tomando um caminho que acabou sendo mediado por complexos processos de composição religiosa que as vertentes evangélicas vêm realizando. Acredito que essa “doação” de fiéis das vertentes pentecostais para o judaísmo (ou suas ressignificações, como vimos no caso dos Anussim e do Judaísmo Messiânico) tende a ser cada vez mais comum e colocará questões importantes para àqueles que detêm os monopólios sobre a religião e a representação política dos judeus. A seguir, veremos alguns exemplos de como as lideranças têm lidado com algumas dessas questões.

4. AS RELAÇÕES ENTRE JUDEUS E EVANGÉLICOS NA POLÍTICA

Apresentados alguns exemplos de aproximações entre as religiões, cabe introduzir um olhar mais ampliado sobre outro aspecto desse fenômeno. Recentemente, a mudança da embaixada dos Estados Unidos em Israel colocou em pauta as contraditórias relações entre evangélicos e judeus na política. Setores evangélicos que apoiam Israel e se mobilizaram para que os EUA reconhecessem Jerusalém como a capital israelense acreditam que a presença de judeus na Terra Santa é uma condição necessária para cumprir as profecias sobre o retorno de Jesus. A atitude pró-Israel também inclui uma perspectiva de que todos os judeus precisariam se converter ao cristianismo, dada a ilegitimidade do judaísmo. A maior parte da direita israelense, responsável por manter o partido de Netanyahu no parlamento desde 2009, apesar de aceitar essa ajuda, não sabe bem quais são as crenças dos evangélicos ou não as leva a sério.⁴⁵

4.1 A mudança da embaixada estadunidense em Israel

Estimativas apontam que existam cerca de 70 milhões de evangélicos nos EUA, dos quais 80% se consideram pró-Israel. Por outro lado, a população judaica mundial é estimada em 14,5 milhões de pessoas, das quais cerca de 6 milhões habitariam os Estados Unidos, correspondendo a menos de 2% da população estadunidense.⁴⁶

Segundo a reportagem do portal Vice⁴⁷, o maior grupo de lobby pró-Israel naquele país é formado por cristãos. O Christians United for Israel têm cerca de 4,1 milhões de membros e seu líder, o pastor John Hagee, arrecada mais de 70 milhões de dólares por ano. Cabe lembrar que o lobby é legal nos Estados Unidos e que existem dois grandes grupos de interesses nascidos na segunda maior comunidade judaica do mundo. O primeiro é o AIPAC (American Israel Public Affairs Committee), organização mais tradicional e

⁴⁵ “Relação de evangélicos e direita israelense tem contradições.” Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/01/1948631-relacao-de-evangelicos-e-direita-israelense-tem-contradicoes.shtml> Acessado em: 13/06/18

⁴⁶ Disponível em: <http://www.jewishdatabank.org/Studies/details.cfm?StudyID=831> Acessado em: 13/06/18

⁴⁷ “This Is Why Evangelical Christians Love Israel (VICE on HBO, Full Segment)” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fo77sTGpngQ&feature=share> Acessado em: 13/06/18

conservadora, por vezes identificada, em perspectivas conspiratórias, como o “grande lobby sionista” que controlaria o país, e o J-Street, surgido nos últimos anos, com o intuito de promover iniciativas progressistas em relação a Israel e os conflitos no Oriente Médio.⁴⁸ O AIPAC foi a favor da decisão presidencial e o JStreet contra, afirmando se tratar de um passo unilateral que não contribuiu para a solução do conflito Israel-Palestina, trazendo riscos à segurança de Israel e alienando possíveis parceiros árabes de negociações.⁴⁹

Estas aproximações ganharam os holofotes com o desenrolar da inauguração da nova embaixada em Jerusalém, uma promessa da campanha de Donald Trump, acenando principalmente à grande parcela branca, religiosa e conservadora do meio-oeste estadunidense que foi sua base eleitoral. Novamente, as perspectivas religiosas e políticas se fizeram ouvir, na manifestação de John Hagee, que afirmou “poder assegurar que 60 milhões de evangélicos estariam olhando para essa promessa de perto, porque se o presidente Trump mudasse a embaixada para Jerusalém, daria um passo histórico para a imortalidade”⁵⁰ e na escolha do representante evangélico para discursar na cerimônia de inauguração, pastor Robert Jeffress, figura conhecida por declarações islamofóbicas, anti-imigração e até mesmo beirando o antissemitismo.⁵¹

A decisão de Trump repercutiu no Brasil e foi noticiada pela BBC⁵². Segundo o deputado evangélico Jony Marcos (PRB-SE):

A comunidade evangélica aqui no Brasil vê com muito bons olhos a atitude do governo Trump. É um movimento importante para que o Estado de Israel se firme, para que o povo judeu se

⁴⁸ Disponível em: <https://www.aipac.org/> e <http://jstreet.org/> Acessado em: 13/06/18

⁴⁹ Disponível em: <https://www.aipac.org/learn/resources/aipac-publications/publication?pubpath=PolicyPolitics/Press/AIPAC%20Statements/2017/12/Jerusalem%20announcement> e <http://jstreet.org/press-releases/trumps-change-us-policy-jerusalem-undermines-peace-efforts-lead-violence/#.WYLiEgvzIU> Acessado em: 14/06/18

⁵⁰ “Mudança da embaixada em Israel é promessa de Trump para evangélicos”

Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,mudanca-da-embaixada-em-israel-e-promessa-para-evangelicos,70002110353> Acessado em: 13/06/18

⁵¹ “What's the Deal with Robert Jeffress?” Disponível em:

<https://www.facebook.com/ajplusenglish/videos/1199924270149078/> Acessado em: 13/06/18

⁵² “Lideranças evangélicas querem que Brasil siga EUA e transfira embaixada em Israel para Jerusalém” Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42263407> Acessado em: 13/06/18

firme, anunciando para o mundo que Jerusalém historicamente sempre foi a cidade santa dos judeus e do cristianismo.

Marcos preside o Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-Israel, um dos maiores grupos do tipo no Congresso, cujo objetivo é estreitar laços entre parlamentares brasileiros e autoridades de outros países. A maioria dos 92 grupos existentes foi formalmente criada, mas não tem composição ativa. Já o de "amigos" de Israel tem hoje 46 deputados e senadores, 31 deles também integrantes da Frente Parlamentar Evangélica e um quarto filiado ao PRB, partido ligado à Igreja Universal do Reino de Deus.

A notícia, veiculada em dezembro de 2017, logo após o anúncio da decisão do presidente estadunidense, afirmava que Marcos pretendia mobilizar os integrantes do grupo de amizade e da frente parlamentar, que já haviam se encontrado com o ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes, e seu antecessor, o senador José Serra, para uma reunião no Itamaraty com objetivo de pressionar o governo a seguir os passos da administração Trump. As lideranças evangélicas argumentam que a bíblia estabelece que os judeus são o povo prometido e que Jerusalém é a capital de Israel. Segundo sua crença, isso deve ser cumprido para que se concretize a esperada volta de Jesus Cristo. Nas palavras da pastora Jane Silva, que preside a Associação Cristã de Homens e Mulheres de Negócios e a Comunidade Brasil-Israel, "Donald Trump está sendo como um semeador da verdade".

Apesar de haver uma disputa de narrativas, segundo Casarões e Vigevani (2014), as posições brasileiras em relação ao Oriente Médio e, mais especificamente, em relação ao conflito árabe-israelense e israelo-palestino, têm se pautado, grosso modo, pela busca permanente, desde o voto a favor da Partilha da Palestina em 1947, por uma posição pragmática e equidistante entre os interesses israelenses e árabes/palestinos:

Dissemos no início do texto que um dos interesses do Brasil [nos últimos mandatos presidenciais] foi a inserção ampla no mundo, inclusive buscando fortalecer contatos políticos e comerciais com o mundo árabe. Certamente esse aspecto pesou em muitas decisões. A diretriz permanente da política brasileira, de 1947 aos nossos dias, foi o princípio do reconhecimento de dois Estados no território da

Palestina histórica e britânica, dentro de fronteiras seguras, o que tem tudo a ver com o cumprimento das resoluções das Nações Unidas. (CASARÕES & VIGEVANI, 2014)

Nas declarações das lideranças evangélicas, explicita-se uma compreensão unilateral e simplificada sobre os vínculos das três religiões monoteístas, em que a ligação muçulmana com lugares de Jerusalém e da região é ignorada. Da forma como é colocada a questão, uma certa identidade religiosa evangélica parece depender única e exclusivamente de uma decisão política para se sustentar:

“O que o governo brasileiro está fazendo (ao apoiar resoluções contra Israel) é rasgar a nossa Bíblia, rasgar a nossa fé. O Brasil vota que Jerusalém não tem a ver com o povo judeu, com Israel. Se Jesus não é homem judeu, não tem a ver com o povo judeu, o Brasil está tentando desmontar a fé no cristianismo”, criticou a pastora Jane Silva.

Silva também justifica seu apoio dizendo que se sente segura para "entrar com sua Bíblia" em Jerusalém sob o comando israelense.

“Eu acho que Jerusalém é a capital de Israel, você vê isso na Bíblia. O reconhecimento disso não impede que haja boa convivência entre todos”, argumenta também Jony Marcos, ao ser questionado sobre o fato de Jerusalém também ser um local sagrado para muçulmanos. (BBC Brasil, Lideranças evangélicas querem que Brasil siga EUA e transfira embaixada em Israel para Jerusalém, 2017)

4.2 Aproximações entre setores evangélicos e judaicos no Brasil

Essas posturas têm antecedentes. Em dezembro de 2015, o proprietário da Rede Record e líder da IURD, Edir Macedo, encontrou-se com o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu.⁵³ Procurando na internet, encontrei reportagens apenas no portal de notícias da própria emissora e em sites evangélicos. Segundo o portal R7, o encontro, em que os dois teriam tratado de assuntos como a relação da Igreja Universal com os judeus e o Estado de Israel, foi reservado e não contou com a presença da imprensa. Netanyahu teria felicitado a atuação da IURD, se colocado a favor de um estreitamento da

⁵³ Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/primeiro-ministro-israelense-benjamin-netanyahu-recebe-o-lider-da-igreja-universal-edir-macedo-18122015> Acessado em: 14/06/18

relação Brasil-Israel, além de ter prometido uma visita ao Templo de Salomão da igreja.

Ainda em relação à IURD, o bispo licenciado da IURD, Marcelo Crivella, logo após ganhar as eleições municipais no Rio de Janeiro em 2016, também viajou para Israel. Segundo pessoas que lhe são próximas, a viagem de dez dias com o intuito de descansar estava programada desde o primeiro turno pelo prefeito recém-eleito, visto que ele costuma fazer visitas de lazer ao país.⁵⁴ O prefeito carioca têm se aproximado de setores da comunidade judaica da cidade. Recentemente, foi anunciado que o prefeito cedeu um terreno para a construção de um monumento em lembrança ao Holocausto e que cantaria em um show beneficente para o mesmo, a ser construído com recursos privados.⁵⁵

Outra polêmica viagem se deu com Jair Bolsonaro. Acompanhado da família, entre eles os filhos também políticos, o deputado federal viajou para Israel em maio de 2016, com a justificativa de adquirir conhecimentos aplicáveis para o Brasil nas áreas da agricultura, piscicultura, educação e segurança.⁵⁶ No entanto, durante a visita, realizou um batismo, auxiliado pelo pastor Everaldo, líder do seu partido naquele momento, o Partido Social Cristão. No vídeo que circula nas redes, o pastor Everaldo conduz uma cerimônia de batismo por imersão, seguindo a tradição da maioria das igrejas evangélicas. Após visitas ao Knesset (o parlamento israelense) e alguns ministérios, foram a lugares turísticos, como o “Jardim do Túmulo”, local onde o corpo de Jesus teria sido colocado depois da crucificação. Apesar de sua esposa ser membra da Assembleia de Deus Vitória em Cristo e da proximidade com vários pastores, como Feliciano e Malafaia, Bolsonaro, até o momento, não se identificava publicamente como evangélico.⁵⁷

⁵⁴ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/apos-ganhar-a-eleicao-crivella-vai-para-israel/> Acessado em: 14/06/18

⁵⁵ Disponível em: <https://marcelocrivella.com.br/a-consciencia-e-o-holocausto/> e <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/crivella-fara-show-para-ajudar-na-construcao-de-museu.html> Acessado em: 14/06/18

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KtRuW8SSw38>

⁵⁷ “Jair Bolsonaro é batizado no rio Jordão.” Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/jair-bolsonaro-batizado-rio-jordao/> Acessado em: 14/06/18

Mesmo após declarações como “o Estado não tem de ser laico, pois os brasileiros são cristãos. Quem não gostar que se mude do país” e “a maioria dos brasileiros é cristã, 90% da população, inclusive os judeus.”⁵⁸, Bolsonaro conseguiu se aproximar dos setores mais conservadores da comunidade judaica do centro do país, a ponto de ser convidado a discursar nos clubes Hebraica, de São Paulo e Rio de Janeiro. Após embates e uma campanha contrária de setores progressistas, foi desconvidado da sede paulista. No entanto, em abril de 2017, discursou somente no clube carioca, sendo a entrada restrita a convidados. Suas imagens proferindo improperios em frente às bandeiras do Brasil e de Israel, contra diversos grupos, inclusive contra centenas de judeus que protestavam na porta do clube, viralizaram nas redes sociais.⁵⁹ Por suas expressões discriminatórias, foi condenado em denúncia do MPF a pagar R\$ 50 mil por danos morais a comunidades quilombolas e população negra,⁶⁰ e repudiado pela CONIB (Confederação Israelita do Brasil) em nota pública.⁶¹

Pelo outro lado, lideranças políticas da comunidade também têm se aproximado do meio evangélico. Durante a inauguração do Templo de Salomão em 2014, figuras como o presidente da Confederação Israelita do Brasil, Claudio Lottenberg, e o cônsul-geral de Israel, Yoel Barnea, estiveram ao lado da presidenta Dilma Rousseff, do governador de São Paulo Geraldo Alckmin, do prefeito Fernando Haddad. Além deles, desembargadores, procuradores, diplomatas, presidentes de empresas públicas, secretários de Estado e representantes da Rede Record, SBT, Bandeirantes e RedeTV!

⁵⁸ “Deputado Jair Bolsonaro fala sobre polêmica com judeus.” Disponível em:

<https://vejario.abril.com.br/blog/beira-mar/deputado-jair-bolsonaro-fala-sobre-polemica-com-judeus/>
Acessado em: 14/06/18

⁵⁹ “Palestra de Bolsonaro no clube Hebraica causa indignação de membros judeus no Rio” Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2017/04/05/palestra-de-bolsonaro-no-clube-hebraica-causa-indignacao-de-membros-judeus-no-rio/> Acessado em: 14/06/18

Sobre os protestos em frente ao clube: <https://vimeo.com/212305518> e <https://www.youtube.com/watch?v=lp62frU722s> Acessado em: 14/06/18

⁶⁰ “Jair Bolsonaro é condenado a pagar R\$ 50 mil por danos morais a comunidades quilombolas e população negra” Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/jair-bolsonaro-e-condenado-a-pagar-r-50-mil-por-danos-morais-a-comunidades-quilombolas-e-populacao-negra.ghtml>
Acessado em: 14/06/18

⁶¹ “Bolsonaro é criticado por Confederação Israelita após palestra em clube judaico” Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-e-criticado-por-confederacao-israelita-apos-palestra-em-clube-judaico-no-rio,70001728978> e <http://www.conib.org.br/noticias/3682/nota-sobre-a-palestra-de-jair-bolsonaro-na-hebraica-rio> Acessado em: 14/06/18

também estiveram presentes.⁶² Para o presidente da CONIB, o Templo seria um marco para além da questão religiosa:

Ele é absolutamente magnífico, único. Ele tem um papel que transcende o próprio público para o qual ele foi criado, porque Jerusalém ultrapassa o limite de qualquer religião e isso vai congrega as pessoas, resgatar pessoas que precisam de referência. São Paulo está ganhando um presente. Diria até mais: o Brasil está ganhando um presente como poucas referências do mundo. (Cláudio Lottenberg, durante inauguração do Templo de Salomão da IURD)⁶³

Um grupo da diplomacia israelense também visitou o Templo de Salomão. Formado por cônsules, políticos, assessores de comunicação e cultura e membros das Relações Exteriores de Israel, o grupo teria se impressionado com a grandiosidade do Templo. Segundo matéria no site da Universal⁶⁴, Yoel Barnea afirmou que o Templo de Salomão é fundamental para ajudar a explicar a história do povo judeu, afirmando “achar muito interessante essa construção, que ajuda muito aquele que conhece pouco a realidade israelense e a história do povo judeu a entender um pouco melhor quem somos e quais são as relações entre nós”, enquanto um assessor teria dito “ser possível sentir a atmosfera de Jerusalém aqui”.

No entanto, outros setores se mostraram perplexos com a construção. Em matéria do site iG⁶⁵, um rabino ortodoxo que sequer conhecia Edir Macedo teria ficado surpreso com imagens do pastor usando alguns dos símbolos mais caros à religião judaica e afirmado: “Com certeza aquela pessoa não é um rabino. Por que, então, se vestiria daquela forma?”. Ainda segundo o rabino, “o objetivo dele [Macedo] com isso não é difundir o judaísmo, até porque há uma mescla com as práticas e cultos tradicionais da religião dele com os símbolos e vestimentas comuns a nós” e “Isso acaba criando uma confusão nas pessoas.

⁶² “Com a presença de Dilma, Templo de Salomão é inaugurado em São Paulo” Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/com-a-presenca-de-dilma-templo-de-salomao-e-inaugurado-em-sao-paulo-13102016> e <https://noticias.r7.com/brasil/templo-de-salomao-e-marco-historico-para-sp-e-para-o-pais-dizem-autoridades-presentes-em-inauguracao-01082014>

⁶³ Ibid.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/e-possivel-sentir-a-atmosfera-de-jerusalem-aqui> Acessado em: 14/06/18

⁶⁵ Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-09-08/rabinos-criticam-uso-de-simbolos-judaicos-no-templo-de-salomao.html> Acessador em: 14/06/18

Vemos ali um cenário e um ator, porque sabemos que aquilo não é nem uma sinagoga e nem um rabino." Apesar disso, a reportagem também enfatiza que a "Federação Israelita, no entanto, diz se sentir 'lisonjeada' com a réplica e uso de vestimentas do judaísmo":

Para nós, não é negativa a apropriação dos símbolos. Ninguém está usando nada para tirar sarro, para zombar. Desta forma, assim como eles estão respeitando o judaísmo, respeitamos também a fé dos seguidores da Universal. Na verdade, é até lisonjeador saber que eles respeitam o Templo de Salomão original a ponto de se adaptarem aos costumes de vestimentas daquela época. (Ricardo Berkienstat, vice-presidente-executivo da Federação Israelita do Estado de São Paulo - Fisesp)

No início de junho deste ano, foi realizada a 26ª edição da "Marcha Para Jesus". Dez trios elétricos, 35 artistas, matéria no Jornal Nacional e, segundo os organizadores, 2 milhões de pessoas nas ruas de São Paulo dão uma dimensão do evento.⁶⁶ A Marcha deste ano era temática em relação aos 70 anos do Estado de Israel e pela primeira vez contou com a participação de representantes da comunidade judaica e do corpo diplomático israelense. Centenas de bandeiras de Israel foram agitadas pelos participantes, no momento em que o cônsul de Israel em São Paulo, Dori Goren, subiu no palco principal, acompanhado de sua esposa, junto com um diretor da CONIB e a presidenta de outra tradicional entidade judaica (Bnai Brith) para falar sobre o apoio dos evangélicos.⁶⁷ Em seu discurso, Goren disse que "o povo de Israel abençoa o Brasil e o povo evangélico" e afirmou que espera que a embaixada brasileira seja transferida para Jerusalém, "a capital dos judeus, de Jesus e dos evangélicos". Após a fala, houve uma "troca de bênçãos" entre o cônsul e a representante evangélica da Marcha. A página do consulado israelense paulista no Facebook ainda veiculou uma foto do ex-presidente da CONIB, Lottenberg, no evento, vestindo a camiseta "Marcha para Jesus"⁶⁸. Lottenberg,

⁶⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/marcha-para-jesus-reune-atracoes-musicais-e-bloqueia-vias-de-sp.ghtml> Acessado em: 14/06/18

⁶⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8eC9AA0N5UI> Acessado em: 14/06/18

⁶⁸ Disponível em:

<https://www.facebook.com/IsraelinSaoPaulo/photos/rpp.183662868319223/1891249884227171/?type=3&theater> Acessado em: 14/06/18

atualmente gestor na iniciativa privada no ramo médico, já foi presidente do Hospital Albert Einstein e se filiou ao PRB (partido de Crivella) em 2013, mas não consegui confirmar se ainda mantém essa condição.⁶⁹

Motivados por uma leitura literal da bíblia, esses setores evangélicos veem o estabelecimento do Estado de Israel como uma refundação do reino bíblico de Davi e uma confirmação das profecias messiânicas sobre o fim dos tempos. Por outro lado, é parte da escatologia milenarista que, durante o Armagedom, o final dos tempos, os judeus aceitarão Cristo como salvador, o que estimula iniciativas proselitistas por parte desse grupo. Essa visão vem se consolidando há mais de um século, o que será desenvolvido a seguir.

4.3 Pré-milenismo, dispensacionalismo e teologia da substituição

Segundo Ariel (2002), a relação entre judeus e evangélicos é única na história das religiões. Essa atitude singular entre as duas religiões se consolidou, contemporaneamente, nas primeiras décadas do século XIX, na Inglaterra, dando origem a uma interpretação “literal” das escrituras, que ficou conhecida como “pré-milenismo” (também referido como “pré-milenialismo”) ou “dispensacionalismo”. Milenismo se refere ao período de mil anos que durará o reinado de Cristo na terra e “dispensacionalismo” aos períodos de prova a que serão submetidos os seres humanos. Usando como base este sistema, os dispensacionalistas entendem que a Bíblia seja organizada em sete dispensações, descritas nos respectivos livros: Inocência (Gênesis 1:1- 3-7), Consciência (Gênesis 3:8- 8:22), Governo Humano (Gênesis 9:1 – 11:32), Promessa (Gênesis 12:1 – Êxodo 19:25), Lei (Êxodo 20:1 – Atos 2:4), Graça (Atos 2:4 – Apocalipse 20:3) e o Reino Milenar (Apocalipse 20:4 – 20:6).⁷⁰

⁶⁹ <http://anahp.com.br/noticias/noticias-do-mercado/claudio-lottenberg-o-programa-mais-medicos-trara-beneficios-inegaveis> Acessado em: 14/06/18

⁷⁰ Junto com os trabalhos de Ariel (2002) e Maynard (2016), utilizei o site GotQuestions.org como referência. Segundo encontrado, o site “é um ministério voluntário de servos treinados e dedicados que têm o desejo de ajudar outras pessoas em sua compreensão de Deus, Escrituras, salvação e outros tópicos espirituais. Nós somos cristãos, protestantes, conservadores, evangélicos, fundamentalistas e não-denominacionais. Vemos a nós mesmos como um ministério que assiste a igreja, vindo lado a lado com a igreja para ajudar pessoas a encontrar respostas às suas perguntas de cunho espiritual”. Disponível em: <https://www.gotquestions.org/Portugues/pre-milenialismo.html> e <https://www.gotquestions.org/Portugues/dispensacionalismo.html> Acessado em 14/06/18

Neste entendimento do curso da história humana, Deus tem planos diferentes para os judeus e a Igreja. Pré-milenistas definem a Igreja como o corpo de todos os crentes em Jesus Cristo, sendo Cristo sinônimo de messias, salvador. Eles serão salvos e poupados da confusão e destruição que precederá a chegada do messias. Os tempos messiânicos começarão com um arrebatamento da Igreja, em que os crentes serão arrancados da Terra e encontrarão Jesus no ar, descrição que converge com a que o bispo Bass da IAPTD me deu durante entrevista. Os crentes que morreram renascerão e, antes de Jesus voltar, dois terços da humanidade perecerá.

No entanto, Deus não rompeu as promessas que havia feito ao povo de Israel. Durante esse período, conhecido como “a Grande Tribulação”, os judeus retornarão para sua pátria ancestral em descrença quanto a Cristo como salvador e estabelecerão um reinado prévio, necessário para a vinda do messias. Vivendo em cegueira espiritual, os judeus se deixarão ser dominados pelo Anticristo, um impostor se passando por messias, que será adorado como Deus. O Anticristo provocará um reinado de terror e mesmo vários judeus que aceitarem Cristo serão mortos. Ainda que se apresente como uma leitura literal, mais uma vez encontramos uma ressignificação dos escritos do Velho Testamento para justificar uma escatologia cristã:

Em II Samuel capítulo 7, vemos a promessa feita por Deus ao Rei Davi. Aqui Deus promete a Davi que ele teria descendentes e que destes descendentes, Deus estabeleceria um reino eterno. Isto se refere ao reinado de Cristo durante o Milênio e para sempre. É importante ter em mente que esta promessa deve ser cumprida literalmente e que ainda não o foi. Alguns creem que o reinado de Salomão tenha sido o cumprimento literal desta profecia, mas há um problema com isto. O território sobre o qual Salomão reinou não pertence a Israel hoje e Salomão tampouco reina sobre Israel hoje! Lembre-se de que Deus prometeu a Abraão que sua descendência teria posse da terra para sempre. Além disso, II Samuel 7 diz que Deus estabeleceria um Rei que reinaria pela eternidade. Salomão não poderia ser um cumprimento da promessa feita a Davi. Sendo assim, esta é uma promessa que ainda não foi cumprida. (GotQuestions.org)

Esses sistemas teológicos se opõem à “teologia da substituição”, sistema no qual os judeus, após terem rejeitado e matado Jesus Cristo, seriam substituídos pela Igreja como protagonistas dos planos divinos. Sendo assim, as profecias nas escrituras sobre bênção e restauração de Israel à terra prometida seriam “espiritualizadas” ou “alegorizadas” em promessas das bênçãos de Deus para a Igreja, em oposição à leitura “literal” dos “milenistas”. Segundo o site GotQuestions.org, que parece adotar uma perspectiva pró-milenista:

Há grandes problemas com a substituição, tais como a existência contínua do povo judeu durante os séculos e especialmente com a revivificação do estado moderno de Israel. Se Israel tem sido condenada por Deus, e não há nenhum futuro para a nação judaica, como podemos explicar a sobrevivência sobrenatural do povo judeu durante os últimos 2000 anos apesar de muitas tentativas de destruir essa nação? Como podemos explicar por que e como Israel reapareceu como uma nação no século 20 depois de não existir por 1900 anos? A visão de que Israel e a Igreja são diferentes é ensinada claramente no Novo Testamento. (...) As Escrituras nos ensinam que a Igreja é uma criação completamente nova que passou a existir no Dia de Pentecostes e continuará até ser levada ao céu no arrebatamento (Efésios 1:9-11; 1 Tessalonicenses 4:13-17). A Igreja não tem nenhum relacionamento com as maldições e bênçãos para Israel. As alianças, promessas e advertências são válidas apenas para Israel. Israel tem sido temporariamente colocada de lado no programa de Deus durante esses últimos 2000 anos de dispersão. (GotQuestions.org)⁷¹

Enquanto o movimento evangélico milenista perdia força na Inglaterra durante o final do século XIX, a influência de suas ideias crescia nos Estados Unidos. Com a difusão do milenismo, iniciativas simpáticas ao movimento de migração judaico para a então Palestina otomana se desenvolveram na América, no que pode ser visto como o início de um “sionismo cristão”. Apesar de não ter tido maiores consequências práticas, Ariel (2002) e Maynard (2016) apontam o trabalho do pregador e escritor William Blackstone (1841-1935) como um marco nas relações entre judeus e cristãos. Blackstone desenvolveu

⁷¹ Disponível em: <https://www.gotquestions.org/Portugues/teologia-substituicao.html> Acessado em: 15/06/18

uma teoria que lançou as bases para as atitudes evangélicas estadunidenses em relação ao sionismo e Israel. Ele sustentava que os Estados Unidos tinham, modernamente, um papel equivalente ao do rei persa Ciro, responsável por libertar o povo judeu daquilo que ficou conhecido como “exílio ou cativeiro da Babilônia”, permitindo seu retorno à Judeia em cerca de 540 a.C. Por outro lado, anunciando outros movimentos que ganhavam força nesse contexto, Blackstone tentava converter os judeus para sua fé. Segundo Maynard (2016), “os judeus sionistas gostavam de Blackstone e confiavam nele, apesar das frequentes tentativas de evangelizá-los”.

Nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial, muitos líderes do campo conservador evangélico tiveram reações complicadas em relação ao crescente antissemitismo. Ainda que nenhum movimento abertamente antissemita tenha surgido desse grupo, alguns pregadores adotaram visões sociais e políticas convergentes com elementos da ideologia nazista, aceitando os “Protocolos dos Sábios de Sião”⁷² como autênticos e entendendo a existência de judeus seculares como sinais da decadência do Ocidente. Por outro lado, condenações à “arianização” de Jesus e à “paganização” do cristianismo por Hitler puderam ser lidas em jornais evangélicos. No entanto, isso não levou a um movimento organizado contra a política nazista. O tema retornou com forte apelo durante os anos 70 e 80, quando a literatura sobre o Holocausto veio a ter grande repercussão no meio evangélico, sendo lançados muitos livros defendendo que o genocídio havia sido perpetrado por “falsos cristãos”.

A reação do “establishment” evangélico à declaração de independência do Estado de Israel, em 1948, seguiu a tendência do apoio passivo. Ariel (2002) também aponta que, ao contrário do senso comum, setores evangélicos mostraram preocupação com os árabes-palestinos que perderam suas casas durante a Guerra de Independência (1948), prolongamento da Guerra Civil Árabe-Judaica (1947-48). Ao mesmo tempo em que criticavam a hostilidade árabe ao estado judeu, lideranças evangélicas defendiam que o “renascimento

⁷² Publicado em 1905, o texto contém 24 capítulos, ou “protocolos”, que são apresentados como se fossem atas de encontros entre líderes judeus, os “sábios de Sião” e descreve os “planos secretos” judaicos para controlar o mundo através da manipulação da economia, controle dos meios de comunicação e estímulo a conflitos religiosos. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007058> Acessado em: 16/06/18

do Reino de Davi” não implicava em uma expulsão dos árabes daquela terra, algo que também envolvia pretensões proselitistas de converter parte daquela população.

Ainda segundo Ariel (2002), a improvável vitória de Israel sobre Egito, Síria, Jordânia, Iraque e Líbano na Guerra dos Seis Dias, em 1967, marcou a retomada da aproximação dos setores evangélicos com Israel. Após ter sua única saída para o mar fechada pelo governo de Nasser, presidente do Egito que coordenava a aliança pan-arabista buscando eliminar Israel do mapa, o governo israelense bombardeou a força aérea egípcia, ainda em solo, e acabou ganhando a guerra em poucos dias. Esses desdobramentos levaram, em grande parte, à atual organização territorial da região. Israel, que iniciou a guerra com 20 mil km², quintuplicou seu território, conquistando a Península do Sinai e Faixa de Gaza do Egito, as Colinas do Golã da Síria e a Cisjordânia da Jordânia. A parte oriental de Jerusalém, que estava sob o comando deste último país, foi unificada com a parte ocidental, o que significou soberania israelense sobre a cidade velha e seus locais sagrados (Muro das Lamentações e Monte do Templo, Mesquita de Al Aqsa, Santo Sepulcro).⁷³ Esses acontecimentos dramáticos, especialmente a mera expectativa da reconstrução do Templo “original”, se encaixaram perfeitamente na escatologia milenista, sendo tratados como mais indícios da era messiânica.

No final de seu artigo, Ariel (2002) sustenta que os setores evangélicos que analisou não podem ser considerados “filosemitas”. Seu apoio às causas judaicas seria uma tentativa de promover uma agenda própria e suas opiniões sobre os judeus não foram sempre positivas. O autor cita o exemplo do influente pastor batista Billy Graham (1918 - 2018), conselheiro de diversos presidentes norte-americanos⁷⁴, que sustentava posições públicas pró-Israel ao mesmo tempo em que confidenciava a pessoas próximas que “os judeus eram responsáveis pelos problemas da América, controlavam a mídia e difundiam pornografia”. Assim como outros que apareceram nesse trabalho, esse é mais um exemplo da contradição entre estereótipos arraigados no imaginário

⁷³ DEUTSCHER, Isaac. A Guerra Entre Árabes e Judeus de 1967 in: O judeu não-judeu. Ed. Civilização Brasileira, 1970. Rio de Janeiro.

⁷⁴ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Billy_Graham Acessado em: 15/06/18

ocidental e apoio massivo àquilo que é visto como um sinal da segunda volta de Cristo, a falsa soberania judaica em Israel.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É curioso como a Igreja católica precisou se diferenciar do judaísmo e agora os pentecostais repetem esse movimento em relação ao catolicismo, tentando consolidar traços identitários específicos. Ao analisar as tendências dos últimos censos do país, Antônio Flávio Pierucci (2004) sustenta uma afirmação importante:

Desde o começo, e isso remonta aos anos de 1950, a sociologia da religião praticada no Brasil foi sempre uma sociologia do catolicismo em declínio. Aliás, não só no Brasil. Em toda a América Latina. Mesmo os estudos sociológicos voltados para religiões não-católicas, se enfocarem a expansão quantitativa de uma delas, seja qual for, estarão sempre fazendo, pelo avesso, uma sociologia do declínio do catolicismo. (Pierucci, 2004)

Apesar de lidar mais com aspectos qualitativos, creio que esse trabalho acaba contribuindo para sustentar a tese do autor sobre o declínio do catolicismo no Brasil. É difícil imaginar como olharemos para esse momento da história do relacionamento entre as tradições cristã e judaica no país. Poderíamos levantar a hipótese de que os evangélicos seguirão se fortalecendo como uma religião cada vez mais difundida e uma força política maior no país. Caso isso se concretize, poderemos afirmar que suas escolhas pela apropriação de elementos judaicos e aproximação com judeus foram acertadas e de alguma forma impactaram positivamente no seu crescimento. Isso estaria de acordo com Costa (2017), para quem “a judaização das práticas neopentecostais seria, por fim, uma garantia de que, ao repetirem os gestos, palavras, e modo de ser e cultuar dos judeus, estes fiéis cristãos seriam tão abençoados como os fiéis do Povo de Israel”.

No entanto, como já afirmado aqui, cabe enfatizar que uma das explicações para essas incorporações é justamente a vontade de se diferenciar do catolicismo. Se por um lado esse movimento demonstra que a hegemonia católica começa a ser ameaçada, ainda mostra que, por oposição, a Igreja

continua um elemento persistente no imaginário evangélico. Se os judeus messiânicos se diferenciam por “*ser judeus, acreditar em Cristo e não ser cristãos*”, os pentecostais referidos aqui tentam “*ser cristãos, praticar como Cristo e não ser judeus, nem católicos*”.

Também parece haver, entre setores evangélicos, uma vontade de converter o maior número de judeus para seu rebanho. Por enquanto esse proselitismo tem sido pela palavra, mas, dado a quantidade e o crescimento dos evangélicos, parece impossível prever se essa crença não será radicalizada e não terá desdobramentos mais autoritários. Em paralelo, acredito que casos como o de Márcio também tendem a se tornar mais comuns. A incorporação do simbolismo judaico tem levado a uma curiosidade sobre os modos de vida dos judeus, o que, como demonstrado, pode acabar numa conversão e repúdio a fé anterior. O crescimento do turismo religioso para Israel e dos Bnei Noach são provas disso, bem como exemplos de setores aproveitando essa demanda para transformá-la em ganhos econômicos. No entanto, mais pesquisas são necessárias para compreender quais tendências ganham e perdem força nesse meio.

Em relação à política, além do pragmatismo de setores judaicos em relação ao apoio evangélico, a forte polarização identitária entre “direita x esquerda”, em voga no país, tem papel importante na formação de alianças e identidades. Enquanto vigora uma política dentro da comunidade judaica, sustentada pelas federações israelitas e setores conservadores, de “*lavar a roupa suja em casa*”, ou seja, de apresentar uma defesa forte de praticamente qualquer ação dos governos israelenses e não expor nas manifestações públicas dessas entidades a pluralidade de posicionamentos existentes no meio judaico, setores à esquerda da militância não favorecem aproximações com setores à esquerda da comunidade judaica. Um caso recente ilustra bem essa polarização e diz respeito à tentativa de boicotar um bloco de israelenses e judeus que desfilariam na 22ª Parada Livre em São Paulo, realizada alguns dias após a Marcha para Jesus, no último três de junho.⁷⁵

⁷⁵ “Em tom político, Parada LGBT de São Paulo homenageia Marielle Franco” e “NOTA DE REPÚDIO À PRESENÇA DE ISRAEL NA PARADA DO ORGULHO LGBT DE SÃO PAULO” Disponível em:

Segundo esses setores da esquerda, autodeclarados “antissionistas”, qualquer posicionamento nuançado em relação ao Estado de Israel e ao conflito israelo-palestino seria motivo para anular posicionamentos e identidades à esquerda. Em relação à Parada Livre, os ativistas da Setorial LGBT+ estadual do PSOL/SP, acusaram os israelenses e judeus de “pinkwashing”.⁷⁶ A “lavagem rosa” é a ideia de que haveria uma “propaganda sionista” tentando arregimentar o movimento LGBT+ internacional para defendê-lo. Dessa maneira, o motivo pelo qual Israel seria um dos únicos países da região onde as pessoas LGBT+ têm a maioria dos seus direitos civis garantidos, de forma semelhante à maioria dos países da Europa ocidental, é porque os “sionistas” usariam os direitos LGBT+ para limpar a imagem do Estado de Israel no que diz respeito a sua postura em relação aos palestinos.⁷⁷

Em um artigo recente, Gherman (2018) relembra como o tensionamento das relações entre a esquerda brasileira e os judeus é recente e não o produto de algo “essencialmente” incompatível. Apesar dos conflitos e da falta de diálogo atual, a relação entre setores progressistas judaicos e partidos de esquerda foi positiva e amigável durante parte considerável do século XX. Exemplos dessa relação seria a existência do “Setor Judeu” do PCB, que vigorou entre os anos 20 e 30, e a “Comissão de Assuntos Judaicos” do PT, nos anos 80 e 90, ambos locais de aproximação entre grupos da esquerda judaica (inclusive grupos autodeclarados sionistas) e a esquerda brasileira.

Em síntese, se os evangélicos começaram essa inesperada aproximação, pode-se afirmar que, hoje em dia, os judeus a retribuem. Parte da comunidade judaica, principalmente aqueles que têm hegemonizado sua

<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/06/22a-parada-lgbt-reune-milhares-de-pessoas-e-homenageia-marielle-em-sp>

<https://www.facebook.com/davidmichael.miranda/posts/2223797000969079> Acessado em: 23/06/18

⁷⁶ “Da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo à de Tel Aviv: precisamos falar sobre propaganda israelense e interseccionalidade de lutas”

Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/blog/samuel/quebrandomuros/da-parada-do-orgulho-lgbt-de-sao-paulo-a-de-tel-aviv-precisamos-falar-sobre-propaganda-israelense-e-interseccionalidade-de-lutas> Acessado em: 23/06/18

⁷⁷ Há uma disputa no interior do PSOL em relação ao BDS (movimento de Boicote, Desenvolvimento e Sanção a Israel) e a postura adotada no conflito israelo-palestino. Ver “Debate: O BDS, a questão israelense-palestina e a esquerda brasileira”, realizado na Fundação Lauro Campos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MCWBU0Sdqnw&list=FLQmTOtsmo7JmAC_CdID0AFw&index=18 Sobre o caso da 22ª Parada Livre, ver <http://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cidadania/em-defesa-de-israel-na-parada-jean-wyllys-critica-lgbt-do-psol> Acessado em: 23/06/18

representação pública, aproveita para fortalecer os laços com setores conservadores, sob uma aparente representação de todos os judeus. No entanto, a parte supostamente representada, ao mesmo tempo em que se sente aliviada de contar com algum aliado político declarado, parece atordoada com as notícias esparsas que recebe sobre essas aproximações e, como já explicitado, não compreende bem seus motivos ou suas implicações. Por fim, isso afeta de forma particular os judeus vinculados aos setores progressistas, colocando-lhes um dilema: o de encontrar apoio onde não querem e ser rejeitado por quem desejam.⁷⁸

⁷⁸ Essa ideia é inspirada em discussões ocorridas em um fórum de debates progressistas judaicos e brasileiros, chamado JUPROG, que forneceu material considerável para as discussões desse trabalho.

REFERÊNCIAS

- ARIEL, Yaacov - **Philosemites or antisemites? Evangelical christian attitudes toward jews, judaism and State of Israel.** Hebrew University of Jerusalem. Analysis of Current Trends in Antisemitism - ACTA, 20 (2002).
Acessado em: 28/06/18. Disponível em:
http://www.academia.edu/16608613/Philosemites_or_Antisemites_Evangelical_Christian_Attitudes_toward_Jews_Judaism_and_the_State_of_Israel
- BARBOSA, Carlos Antonio Carneiro. **Jerusalém é aqui! espaços de disputa e jogo de poder: o Templo de Salomão da IURD.** 2017. 224 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BARBOSA DA SILVA, Paula Fontanezzi Leonel Ferreira - **Nada mais judaico do que acreditar em Cristo.** Dissertação de mestrado defendida no Departamento de Antropologia da UNICAMP, 2010.
- BONDER, Nilton - **A alma imoral: traição e tradição através dos tempos.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- BONDER, Nilton; SORJ, Bernardo. **Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo.** 2010. Acessado em: 28/06/18. Disponível em:
http://www.bernardosorj.com/pdf/BONDER_SORJ_Judaismo_para_o_seculo_XI.pdf
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica.** In: Amado, Janaína e Ferreira, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- _____ - **A força do direito: elementos para uma sociologia do campo jurídico.** In: Bourdieu, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 209 - 235.
- CASARÕES, Guilherme; VIGEVANI, Tullo. **O lugar de Israel e da Palestina na política externa brasileira: antissemitismo, voto majoritário ou promotor de paz?** História (São Paulo), v. 33, n. 2, 2014, p. 150-188.

COSTA, Rafael Vilaça Epifani. **O novo templo de Salomão: o projeto de expansão da Igreja Universal do Reino de Deus para o Brasil e o mundo.** 2017. Tese de mestrado em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2017.

DUQUE, Agenor. **Os mistérios do reino dos céus.** São Paulo: Editora Tempo de Deus, 2015.

GHERMAN, Michel. **Deus e Diabo na Terra Santa: pentecostalismo brasileiro em Israel.** Revista digital WebMosaica v.1, n.1, 2009. Acessado em: 28/06/18. Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/9767/5791>

_____ - **100 anos do Bund.** Rio de Janeiro: Revista Devarim, ano 13, nº 35, 2018, p. 23 – 30.

_____ - **Setor judeu do Partido Comunista: memórias de judeus de esquerda no Rio de Janeiro.** In: GRIN, Monica; GHERMAN, Michel. **Identidades Ambivalentes: Desafios aos estudos judaicos no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2016, p. 103 – 136.

_____ - **Entre a Nakba e a Shoá: catástrofes e narrativas nacionais.** In: GRIN, Monica; GHERMAN, Michel. **Identidades Ambivalentes: Desafios aos estudos judaicos no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2016, p. 207 – 228.

_____ - **Jews, Zionism and the Left in Brazil: Echoes of a Relationship.** Analysis of Current Trends in Antisemitism - ACTA, 39 (2018). Acessado em 23/06/18. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/actap-2018-0002>

GRIN, Monica; GHERMAN, Michel. **Identidades Ambivalentes: Desafios aos estudos judaicos no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora 7 Letras. 2016.

GUTIERREZ, Carlos Andrade Rivas - **Bnei anussim: uma experiência de judaísmo na periferia paulistana.** USP. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 2011.

MAFRA, Clara. **“A sedução em tempo de abundância: análise das igrejas pentecostais como objetos de arte”**. In: O. Velho (org.). *Circuitos Infinitos*. São Paulo: Attar Editorial, 2003, p. 97-126.

MARIANO, Ricardo. **Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo de 2010**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, 2013, p. 119-137.

MAYNARD, Cândido L. S. – **O dispensacionalismo e a utilização de símbolos judaicos nos cultos evangélicos**. UFS. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2016.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **"Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000**. Estudos avançados, v. 18, n. 52, 2004, p. 17- 28.

SORJ, Bernardo; GRIN, Monica. **Judaísmo e modernidade: metamorfoses da tradição messiânica**. SciELO-Centro Edelstein, 2008. Acessado em: 28/06/18. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/47yny>

TOPEL, Marta Francisca – **A Inusitada incorporação do judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011.

TRAVASSOS, Deborah Hornblas – **O Judaísmo Messiânico no Brasil: A Beit Sar Shalom: Um estudo de caso**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da USP, 2008.

_____ - **Judaísmo Messiânico no Brasil e seus instrumentos de legitimação: a reinvenção do judaísmo ou uma nova religião?** Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da USP, 2014.